**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA**

**VASOS PROTO-CORÍNTIOS:
classificação, cronologia e estilo**

Tobias Vilhena de Moraes

Dissertação de Mestrado apresentada ao
curso de Pós-Graduação em Arqueologia,
ministrado no Museu de Arqueologia e
Etnologia da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Haiganuch Sarian

São Paulo, 2005

AGRADECIMENTOS

Seria incorrer na quebra de um elementar dever de gratidão deixar de declinar os nomes dos professores, amigos e familiares que contribuíram para a realização desta Dissertação de Mestrado.

Aos meus pais, Rodolpho e Maria Cecília, por apoiarem os meus sonhos.

Aos meus irmãos (Lucas, Letícia, Talita, Matias, Jerusa e Sarah) e cunhados (Márcia e Nereu) pelos bate-papos despreziosos, mas que inúmeras vezes contribuíram para abrir novos horizontes.

À Prof^a Dr^a Haiganuch Sarian, profissional competentíssima e amiga das melhores, que com inexcedível capacidade orientou meus trabalhos, expresso a minha mais profunda gratidão.

Agradeço ao Prof^o Dr^o Pedro Paulo de Abreu Funari por seus conselhos tão úteis e sugestões valiosíssimas.

Aos professores Pierre Carlier, Norberto Guarinello, Elaine Hirata, François Lissarrague e Fábio Vergara, ilustres pesquisadores e mestres de conhecida projeção nos meios científicos e culturais em nosso país e no exterior, agradeço-lhes pela benévola apreciação, oportuna correções e inúmeras sugestões.

Do serviço gráfico encarregou-se, desde o início até a última hora, com grande zelo, a Sra. Eleuza Gouveia, Bibliotecária do Museu de Arqueologia e Etnologia/USP.

Pérsio Nakamoto encarregou-se da correção do texto com extrema eficiência.

Não posso deixar de agradecer também...

Aos meus colegas da Pós-graduação do MAE-USP pelas críticas e colaborações recebidas ao longo destes anos.

Às funcionárias da Secretaria de Pós-Graduação e Graduação do MAE-USP (Conceição, Madalena, Regina, Vanusa) pelo acompanhamento eficiente em todos os assuntos burocráticos.

À FAPESP e à CAPES pelo auxílio financeiro recebido durante toda a pesquisa.

Uma palavra por último e bem merecida deve ser dita em agradecimento à minha grande amiga Ivonete de Souza Rabelo (aluna de mestrado de Letras Clássicas da FFLCH/USP) sempre prestativa e cordial em sanar minhas eternas dúvidas de tradução.

*O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

(Fernando Pessoa ,*Autopsicografia*)

RESUMO

Esta Dissertação de Mestrado apresenta uma introdução histórica ao período Orientalizante, no qual se insere a produção de vasos de estilo proto-Coríntio (*séc. VIII-VI a.C.*), seguida de uma breve exposição do desenvolvimento deste estilo durante o geométrico, antigo, médio e recente. Tem como principal objetivo estudar os vasos proto-coríntios encontrados em vários locais da Grécia arcaica. Deste modo, a par de uma bibliografia fundamental, elaborei inicialmente um modelo de *corpus* documental que se ampliou no decorrer da pesquisa.

Pretende estabelecer uma classificação e uma cronologia destes vasos proto-coríntios, comparando-os com alguns exemplares de referência, assim como proceder a uma pesquisa iconográfica a partir da decoração destes exemplares.

ABSTRACT

Abundantly manufactured from VIII to VI b.C. Corinthian pottery has an unique role to the Archaeology of archaic period. As for its diffusion on entire Mediterranean sea, as for its recapture and assimilation of stylistics foreign elements Protocorinthian pottery has stimulated, for some time, an avid interest on researchers, who see on it a singular instrument to comprehend the ancient world.

By using this artistical and cultural world as background, I have developed a Master degree at MAE/USP focusing on the construction of a vases *corpus* to study the classification, chronology and iconography of Protocorinthian vases. Obviously, to this purpose, it has been necessary to approach such pottery within its historical and methodological meanings.

SUMÁRIO

	Pag.
INTRODUÇÃO	7
1 CRONOLOGIA DA CERÂMICA PROTO-CORÍNTIA	13
1.1 Introdução	13
1.2 A Expansão Colonial Grega	15
1.3 Tucídides e o Relato da Colonização Ocidental	18
1.4 Colonizadores e Colonizados: dos primeiros contatos ao intercâmbio cultural	23
1.5 Proto-Coríntio: em busca de sua definição	27
1.6 Datação Relativa e Absoluta: descobrindo o proto-coríntio	29
1.7 A Cronologia do Proto-Coríntio: principais discussões	30
1.8 Cronologia do Proto-Coríntio	37
2 SIGNIFICADOS E FUNÇÕES DOS VASOS PROTO-CORÍNTIOS	39
2.1 Introdução	39
2.2 A Função dos Vasos Proto-Coríntios: recipientes ou objetos votivos	40
2.3 Os Vasos Proto-Coríntios e seus Principais Pesquisadores	57
3 O DESENVOLVIMENTO DO ESTILO PROTO-CORÍNTIO	59
3.1 Corínto e o Período Orientalizante	59
3.2 Proto-Coríntio Geométrico e Proto-Coríntio Antigo	64
3.3 Proto-Coríntio Médio	71
3.4 Proto-Coríntio Recente	75
4 CORPUS DOCUMENTAL	78
4.1 Vasos Proto-Coríntios	81
4.1.1 Proto-Coríntio Antigo	81
4.1.2 Proto-Coríntio Médio	95
4.1.3 Proto-Coríntio Recente	109

4.2 Vasos Proto-Coríntios de Imitação Colonial	116
4.21 Proto-Coríntio Antigo	116
4.2.2 Proto-Coríntio Médio	124
CONCLUSÃO	129
BIBLIOGRAFIA	132

INTRODUÇÃO

Abundantemente fabricada entre os sécs. VIII-VI a.C., a cerâmica Coríntia, no sentido mais amplo, tem uma importância ímpar para a arqueologia do período arcaico. Tanto pela sua difusão em todo o Mediterrâneo como pela (re)captura de elementos estilísticos estrangeiros assimilados por ela – ampliando os horizontes artísticos da época –, ela desperta, há algum tempo, um ávido interesse do pesquisador, que enxerga nela um instrumento singular que lhe permitirá compreender melhor o mundo antigo.

Tendo esse contexto – histórico, cultural e artístico – como pano de fundo, a pesquisa de Mestrado que desenvolvi no MAE/USP¹ teve como principal objetivo constituir um *corpus* documental que possibilitasse estudar a classificação, a cronologia e a decoração da cerâmica proto-coríntia. Logicamente, para esse fim, foi necessário abordar tal categoria cerâmica em seus significados históricos e metodológicos.

Para tanto, impuseram-se dois pontos de extrema importância e que serão observados durante o decorrer desta Dissertação: primeiro, um criterioso estudo dos métodos mais recentes de análise de imagens e de decoração dos vasos proto-coríntios; e segundo, a partir de um catálogo já estabelecido por mim e baseado no conhecimento teórico, definiram-se parâmetros de estudo do estilo de decoração e tipológico dos vasos estudados para uma maior coesão do *corpus* documental.

Reconhecida a singularidade e a importância da cerâmica proto-coríntia, apresentarei criticamente os principais resultados obtidos até o momento sobre o estudo de sua variação estilística, tendo nessa etapa da pesquisa o Proto-Coríntio Geométrico, Antigo e Médio como os principais focos de atenção.

¹ Pesquisa financiada pela CAPES (2003) e FAPESP (2003-2005)

Ao mesmo tempo, foi preciso estabelecer alguns critérios básicos que nortegassem o processo de seleção dos vasos, ou seja, que permitissem a inclusão daqueles exemplares mais representativos de uma época, pintor ou localidade. Tal análise baseou-se, sobretudo, na observação dos dados iconográficos e de formato que a cerâmica poderia oferecer.

Vale destacar que inicialmente o objetivo era estudar os vasos proto-coríntios provenientes de Delos, do santuário de Hera – o Heraion – e de outros locais da ilha. Desse modo, a par de uma bibliografia fundamental, objetivava-se construir um modelo de *corpus* documental que, no decorrer da pesquisa, deveria ser ampliado. Pretendia-se assim estabelecer uma cronologia desses vasos proto-coríntios, comparando-os com alguns exemplares coríntios de referência.

Contudo, ao longo do processo de estudo, eu e minha orientadora detectamos que o estudo da cerâmica proto-coríntia apenas amparado no material de Delos (diga-se o Heraion e o aterro do Artemísion) não seria suficientemente característico para o estudo dos temas propostos no projeto de pesquisa: classificação, cronologia e iconografia. Foi então elaborado um novo *corpus* documental com uma maior variedade de exemplares característicos do estilo proto-coríntio.

O enfoque foi ampliado, incluindo exemplares de imitação colonial e do período de transição para o estilo coríntio, com a finalidade de destacar a extensão da importância do estilo e dos vasos proto-coríntios no contexto de sua época de produção. Abria-se assim caminho para um estudo mais aprofundado e crítico dos papéis religioso, cultural e comercial daquela cerâmica.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que foi expandido o contexto geográfico e temporal a ser analisado, a problemática para a fixação de um *corpus* que permitisse a visualização do desenvolvimento do estilo artístico aumentou também.

Para a consolidação da minha pesquisa, foram elaborados, os seguintes capítulos que compõem a minha Dissertação de Mestrado:

Capítulo 1: Cronologia da cerâmica proto-coríntia

Visando sanar uma das primeiras e principais dificuldades que surge no estudo do Proto-Coríntio, foi elaborado o primeiro capítulo desta qualificação, em que busquei esclarecer um dos principais embates entre os estudiosos: é possível estabelecer uma cronologia do Proto-Coríntio?

Tal pesquisa só é possível e viável por meio da busca de paralelos e aproximações (os *comparanda*) com vasos ou fragmentos proto-coríntios que possuam classificação e cronologia indiscutíveis, ou seja, mediante ‘comparações’ com exemplares vindos de escavações nas quais foram observados de forma rigorosa os seus contextos estratigráficos.

Questões técnicas e tecnológicas, assim como a observação dos dados relativos à decoração ornamental e figurada (análise iconográfica), também têm de ser considerados neste estudo.

Pensando nisso, busquei nesse primeiro momento oferecer uma reflexão histórica de como a cronologia do estilo proto-coríntio – destacando algumas vezes o estilo coríntio – tem sido enfocada pelos mais diversos estudiosos do assunto. Creio que apenas por meio dessa análise histórico-metodológica e da exposição dos resultados mais importantes que temos atualmente é que pude partir para o estabelecimento de uma cronologia fiável daqueles vasos que estudo.

Dessa forma, exposta a metodologia de trabalho que cerca a minha pesquisa, vale destacar, ou melhor, citar dois autores: primeiramente Mortimer Wheeler (1954, p.18), quando este afirma que “não devemos procurar coisas mas, as pessoas que estão na produção subjacente das coisas”; e, em segundo lugar, Pedro Paulo Funari, que declara que a arqueologia estuda a cultura iletrada, aquela cultura que diz respeito sobre o que não é escrito, as coisas, os objetos, “o mundo material usado e transformado pelos homens” (Funari in ORSER, 1992, p.7). Logo, é o homem que está atrás dos vasos analisados em minha pesquisa e com eles toda uma cultura (artística, política, econômica, social

e religiosa) de uma época. Daí a grande importância deste capítulo, que permitiu situar no tempo – por meio da análise cronológica de um estilo (o Proto-Coríntio) – e compreender aquele homem grego antigo por detrás dos vasos.

Dar voz ao que por natureza não tem voz – no caso aqui, os vasos – faz parte do saber específico (intelectual e científico) do arqueólogo. Por isso, acredito que apenas ao criarmos mecanismos que nos permitam situar aquela cerâmica em um determinado contexto temporal, poderemos transformá-la em um documento passível de decifração. Dessa forma, citando Sarian (1984, p.96), será possível “chegar através desse artefato, à reconstituição de uma certa maneira de pensar, de confeccionar, de criar, de se servir e de se relacionar, em sociedades antigas”.

Portanto, fica claro que, para conhecer o universo cultural que produziu uma certa cerâmica e, por sua vez, entender os comportamentos com relação a uma produção, é indispensável o estabelecimento de uma cronologia sólida, que nos permita entrar em contato mais estreito com o período histórico estudado.

Contudo, antes de partirmos para esse tema, um sub-item da pesquisa ganhou importância. Como destacado anteriormente, ofereço um quadro amplo do desenvolvimento da cerâmica proto-coríntia, acrescentando para isso alguns exemplares de imitação colonial ocidental (Itália e Sicília). Essa ampliação do enfoque espacial de forma alguma é aleatória, pois busca compreender, mediante a observação do desenvolvimento e expansão do estilo proto-coríntio, como acontecia o intercâmbio cultural e artístico no Mediterrâneo arcaico. Logo, questões concernentes ao estilo das formas e dos desenhos preferidos no Ocidente, à imitação artística colonial e às relações entre as colônias e as cidades-mãe permearam a discussão.

Dessa forma, ficou claro para mim que, antes de partir para um estudo da cronologia, era necessário me concentrar ao mesmo tempo em uma análise histórica do período arcaico, tomando como pano de fundo principal a expansão

colonial grega para o Ocidente. Tal enfoque revelou-se ainda mais oportuno ao permitir abordar as datações das colônias gregas de Tucídides (repetidamente usada para o estabelecimento cronológico do Proto-Coríntio), dentro de seu contexto histórico para, logo em seguida, partir para uma análise da sua importância na busca de uma cronologia segura.

Capítulo 2: Significado e funções da cerâmica proto-coríntia em contexto de santuários

Talvez um dos pontos mais chamativos e controversos da pesquisa desse estilo cerâmico seja tentar descobrir qual era a função que desempenhava nos vários locais onde tem sido encontrado. Trata-se de uma investigação que envolve desde aspectos econômicos e artísticos, até religiosos, e que são observados em minha pesquisa à luz dos resultados de várias escavações, do debate entre vários autores e dos paralelos e variações entre cerâmicas dos diferentes períodos estilísticos de seu desenvolvimento.

Embora a temática dessa etapa da pesquisa tivesse inicialmente como objetivo girar exclusivamente em torno da relação religião-arqueologia, fui percebendo, ao longo da pesquisa, que isso não seria suficiente, pois questões econômicas e artísticas também influenciaram o papel assumido pela cerâmica proto-coríntia em sua época. Segundo BOARDMAN (1998), as necessidades da sociedade em que o artífice grego atuava podiam determinar para qual ambiente (funeral, sagrado, mercado etc.) sua arte iria. Cabia a ele “decidir como isto era feito e o desenvolvimento dos meios de expressão estavam em suas mãos, condicionado pela técnica bem como pela imaginação e sentido estético” (p.8).

Logo, ao homem cabia o destino final da cerâmica: objeto que, como aquele descrito por MEJUIEF (*apud* FUNARI, 1988, p.16), recebia a forma humana ao “encerrar em si um conteúdo social (e não natural)”. E dessa sina não escapou a cerâmica proto-coríntia.

Capítulo 3: O desenvolvimento do estilo proto-coríntio

Tendo reconhecido a singularidade e a importância da cerâmica proto-coríntia, começarei a delinear os principais resultados obtidos sobre o estudo da variação estilística dos vasos dessa época. Detenho-me principalmente nesta etapa da pesquisa no proto-coríntio geométrico, antigo e médio.

Para tanto foi preciso estabelecer alguns critérios que norteassem o processo de seleção, ou seja, que permitissem a inclusão daqueles exemplares mais representativos de uma época, pintor ou localidade. Tal análise baseou-se sobretudo na observação dos dados de decoração e de tipologia que a cerâmica poderia oferecer.

A investigação da documentação empírica foi realizada através de agrupamentos. Ou seja, primeiramente coletei, no interior de cada forma dos vasos classificados, aqueles de cronologia reconhecidamente semelhantes. A seguir, dentro do espaço cronológico estabelecido, selecionei aqueles de decoração análoga. Creio que só a partir dessa metodologia de trabalho que toma como ponto de partida o objeto empírico é possível analisar o real papel do Proto-Coríntio dentro do contexto da Grécia arcaica e orientalizante em que estava inserido.

Por fim, vale destacar que os nomes aplicados aos pintores, quando traduzidos, sempre que possível seguiram a denominação original em inglês. Em alguns casos fugi de uma tradução literal visando não cair em uma descrição por demais estranha de um estilo ou pintor.

1 CRONOLOGIA DA CERÂMICA PROTO-CORÍNTIA

1.1 Introdução

“O tempo é a própria dimensão da história. Um fato é histórico quando tem de ser definido não somente no espaço mas também no tempo. Um fato é colocado na quarta dimensão, aquela do Tempo, medindo sua distância do presente” (BICKERMAN, 1968, Intr.).

O capítulo que aqui apresento tem em vista a pesquisa que desenvolvo no mestrado e que tem como um de seus objetivos apresentar uma cronologia dos vasos de estilo proto-coríntio.

Tal pesquisa só será possível e viável por meio da busca de paralelos e aproximações (os *comparanda*) com vasos ou fragmentos proto-coríntios que possuam classificação e cronologia indiscutíveis, ou seja, mediante ‘comparações’ com exemplares vindos de escavações que tenham trabalhado de forma rigorosa os seus contextos estratigráficos.

Questões técnicas e tecnológicas, assim como a observação dos dados relativos à decoração ornamental e figurada (análise iconográfica), também terão de ser levados em conta nesse estudo.

Pensando nisso, busquei neste primeiro momento oferecer uma reflexão histórica de como a cronologia do estilo proto-coríntio – destacando algumas vezes o estilo coríntio – tem sido trabalhada pelos mais diversos estudiosos do assunto. Creio que apenas por meio dessa análise histórico-metodológica e da exposição dos resultados mais importantes que temos atualmente é que poderei partir para o estabelecimento de uma cronologia fiável daqueles vasos que estudo.

Dessa forma, exposta a metodologia de trabalho que cerca a minha pesquisa, vale destacar, ou melhor, citar dois autores: primeiramente Mortimer Wheeler, quando este afirma que “não devemos procurar coisas mas as pessoas que estão na produção subjacente das coisas”; e, em segundo lugar, Pedro Paulo

Funari, que declara que a arqueologia estuda a cultura iletrada, aquela cultura que diz respeito sobre o que não é escrito, as coisas, os objetos, “o mundo material usado e transformado pelos homens” (in ORSER, Introdução, 1992, p.7). Logo, é o homem que está atrás dos vasos trabalhados em minha pesquisa e com eles toda uma cultura (artística, política, econômica, social e religiosa) de uma época. Daí a grande importância deste capítulo, que permite situar no tempo – por meio da análise cronológica de um estilo (o proto-coríntio) – e compreender aquele Homem grego antigo por detrás das oferendas votivas presentes, sobretudo, em santuários e necrópoles.

Dar voz ao que por natureza não tem voz – no caso aqui, os vasos – faz parte do saber específico (intelectual e científico) do arqueólogo. Por isso, acredito que, apenas ao criarmos mecanismos que nos permitam situar aquela cerâmica em um determinado contexto temporal, poderemos transformá-la em um documento passível de uma decifração. Dessa forma, citando Sarian (1984, p.96), será possível “chegar através desse artefato, à reconstituição de uma certa maneira de pensar, de confeccionar, de criar, de se servir e de se relacionar, em sociedades antiga”.

Portanto, concluo esta introdução afirmando que, para conhecer o universo cultural que produziu uma certa cerâmica e, por sua vez, entender os comportamentos com relação a uma produção, é indispensável o estabelecimento de uma cronologia sólida, que nos permita entrar em contato mais estreito com o período histórico estudado.

Vale ressaltar que, quando achar conveniente (baseado nas leituras e nos *comparanda*), farei alterações na cronologia de John Boardman (1998) que utilizei inicialmente em meu projeto de pesquisa.

Contudo, antes de partirmos para esse tema, são importantes alguns apontamentos. Visto que o meu projeto de pesquisa foi reformulado e ampliado com o objetivo de oferecer um quadro mais amplo do desenvolvimento da cerâmica proto-coríntia, acrescentei alguns exemplares de imitação colonial

ocidental (Itália e Sicília). Essa ampliação do enfoque espacial de forma alguma é aleatória, pois busca compreender, mediante a observação do estilo proto-coríntio, como se dava o intercâmbio cultural e artístico no mediterrâneo arcaico. Logo, questões concernentes ao estilo das formas e desenhos preferidos no ocidente, à imitação artística colonial e às relações entre as colônias e as cidades-mãe, mesmo não sendo o enfoque principal de minha pesquisa, permearão algumas vezes a discussão.

Ficou claro para mim, assim, que antes de partir para um estudo da cronologia, era necessário me concentrar inicialmente em uma análise histórica do período arcaico, tomando como pano de fundo principal a expansão colonial grega para o ocidente. Tal enfoque revelou-se ainda mais oportuno ao permitir abordar as datações das colônias gregas de Tucídides, dentro de seu contexto histórico para, logo em seguida, partir para uma análise da sua importância na busca de uma cronologia segura para o proto-coríntio.

1.2 A Expansão Colonial Grega

Durante a Idade do Bronze (3000-1200 a.C.), mais precisamente durante o florescimento dos palácios minóicos e das cidades micênicas, algumas cidades gregas estabeleciam contatos freqüentes com outras civilizações localizadas em torno do Mediterrâneo oriental.

Esse primeiro período orientalizador foi presenciado inicialmente pelos minóicos por meio de estímulos vindos tanto do Oriente Médio como do Egito. Mais tarde, os gregos micênicos mantiveram os contatos em curso com o Oriente, mas passando também a se dirigir ao Ocidente.

O material arqueológico evidencia que o contato micênico com o Ocidente parece ter se desenvolvido relativamente cedo (por volta de 1400 a.C.). Se em ilhas como as Líparas e Ischia os comerciantes descobriram entrepostos

proveitosos, os dados indicam que os achados micênicos tiveram na realidade uma distribuição muito restrita. Apesar da pouca quantidade, é reconhecido que tanto as importações micênicas como as minóicas tiveram grande influência nos produtos locais (WOODHEAD, 1972, p.21-22), como denotam vários exemplares arquitetônicos e artísticos (punhais, marcas de oleiros em vasos) da Itália e da Sicília que possuem evidentes traços micênicos e minóicos.

No entanto, se há evidências claras de relações – principalmente micênicas – com os mares italianos, “as datações arqueológicas não permitem, porém, considerar prováveis a formação de assentamentos coloniais ou fundações de cidades anteriores ao declínio do mundo micênico” (CARRATELLI, 1961, p.141). Ou seja, embora haja registros arqueológicos atestando a presença de povos micênicos, assim como de trocas comerciais, partir disso para afirmar que houve na época um processo colonizador constitui um equívoco. Como bem expressa Woodhead (1972, p.23), “talvez os especialistas estivessem sobremaneira ansiosos por identificar colônias onde apenas existiram pequenos entrepostos comerciais”. Verificamos isso quando analisamos – em áreas bem definidas – as influências e as importações micênicas advindas da relação entre o mundo Egeu e os nativos acolhedores que habitavam tais locais.

No entanto, ao redor de 1200 a.C., a invasão egeana deu por encerrada as relações pacíficas entre Oriente e Ocidente e originou – segundo a opinião de Ekren Akurgal (1969) – um ‘período obscuro’ em que a Anatólia e a Hélade, assim como outras partes do mundo, levaram por séculos uma existência primitiva. Restaram nesse período apenas o saber prático dos ofícios e alguns motivos e elementos estilísticos micênicos por intermédio dos ateliês fenícios e sírios.

Para vários autores, esse período, transformado por muitos em uma Idade Obscura (entre os sécs. XI e VIII a.C.), não deve ser observado como o fim da Idade do Bronze, mas sim como a época em que se deu o processo que gestou a Grécia Clássica. Nesse tempo, ter-se-ia, na verdade, retribalhado a cultura por

meio de um processo original que colocou as idéias gregas assimilando as orientais. Por exemplo, Snodgrass (1980), em sua obra *Archaic Greece: the age of experiment* demonstra que, após o enfraquecimento de um sistema político-econômico ultrapassado e a posterior queda do sistema palacial, o período que se seguiu viu a reconstrução daquelas sociedades gregas.

O ponto alto desse processo ocorreu por volta da metade do séc. IX a.C., época em que os gregos partem novamente além-mar em busca de colônias e de novas saídas para as suas mercadorias.

A explicação sobre os reais motivos que determinaram a necessidade da busca por colônias tem variado muito entre os autores, abarcando os mais variados aspectos. Oferecer uma explicação única e conclusiva não é possível, por isso apontarei a seguir os fatores mais fortes que, sem dúvida, agiram como impulsionadores da expansão colonial.

Uma das causas que primeiramente surgem nos argumentos dos estudiosos é que a busca dos gregos por colônias favoreceria o escoamento de suas mercadorias e na aquisição de alguns produtos. Dessa forma, um caráter essencialmente comercial teria feito com que os motivos da expansão variassem conforme os locais: assim se, por exemplo, na Sicília, os gregos foram tirar seu sustento da terra e com a prosperidade puderam comprar manufaturas, na Síria, por outro lado, os comerciantes tinham como objetivo expandir as suas ‘home luxuries’.

Já Holloway (1991), na obra *The archaeology of ancient Sicily*, se volta mais para uma motivação político-social. O autor lembra que no séc. VIII a.C. a Grécia se dirigia irreversivelmente para uma nova ordem social, que deixaria de lado a autoridade herdada e tomaria como nova base política a regra da assembléia e da lei por códigos: a cidade-estado. Tomando Hesíodo como fundamentação histórica, Holloway lembra que os nobres (representantes da velha ordem) viam os seus privilégios continuamente contestados com acusações de serem subornáveis e por aplicarem penas injustas. Ora, que forma melhor de

fuga para uma classe que sofria pressão se não se lançar ao mar desconhecido em busca de terras desconhecidas?.

As póleis aristocráticas viam então os promotores executores da expansão colonial originarem-se principalmente daquele grupo social abastado “que tinha sido capaz de enriquecer sua cultura com estudo e com viagens” (CARRATELLI, 1996, p.141). Denominados *oikistés*, esses líderes das expedições traziam em si aquela “disposição (...) de se arriscarem nos perigos do mar e das terras desconhecidas” (HOLLOWAY, 1991, p.48).

Outro enfoque, talvez um dos mais fortes, aponta que o motivo básico para a colonização era a superpopulação e a escassez de terras. Tal enfoque recebe o apoio de autores antigos como Platão e Tucídides que, em suas obras, descrevem a colonização como a única forma de sanar o problema da superpopulação. “Junto a isso temos o persuasivo argumento da Arqueologia, que comprova que, no momento em que os movimentos arcaicos da colonização começaram na segunda metade do séc. VIII a.C.², houve um crescimento notável da população na Grécia” (GRAHAM, 1971, p.117).

Somados todos os fatores contribuíram para o crescimento da avidez dos gregos para fixação de colônias em solo estrangeiro. Antes de partirmos para uma análise mais apurada sobre como se deu a colonização no ocidente (Itália e Sicília), é importante destacar alguns pontos sobre uma das mais importantes fontes para a história do período arcaico: Tucídides.

1.3 Tucídides e o Relato da Colonização Ocidental

O estabelecimento de um quadro cronológico baseado no conhecimento que possuímos do período arcaico tem se revelado uma das mais duras empreitadas para o estudioso contemporâneo.

² Vale ressaltar que já na primeira metade do séc.VIII a.C. Pitecusas havia sido colonizada.

O Ocidente, na tradição e narrativa grega, sempre fora uma terra de maravilhas e aventuras, o que ajudou a estimular o imaginário dos aventureiros gregos. As gerações seguintes dos colonizadores continuaram a estimular esse fundo lendário, “adaptando determinadas narrativas, de modo a exaltar uma tradição local, a explicar um costume ou a reivindicar a origem antiga e nobre para uma família ou cidade” (WOODHEAD, 1972, p.24), ou seja, mais do que explicar, elas serviam como base lendária para um governo ou grupo político. Fica assim muito difícil saber a real distância entre a história e a narrativa de um povo ou de uma localidade, isto é, se há alguma fundamentação histórica baseada em fato passado.

Dentro desse contexto, muitas vezes obscuro, se insere o trabalho do arqueólogo que procura enxergar “através das brumas das narrativas e dos mitos, se pode entrever qualquer coisa real e tangível” (WOODHEAD, 1972, p.30). Comparar provas literárias fidedignas com o registro arqueológico é então o caminho mais fácil para a construção de uma cronologia segura.

Dentre os povos estudados da antiguidade, os gregos do Ocidente, para o benefício dos arqueólogos, forneceram preciosos marcadores fixos de tempo, principalmente fundamentados nas informações de Tucídides.

Esse autor descreve em sua obra parte da *História da Guerra do Peloponeso*, expressão que, segundo Ana Lia “corresponderia a taV Peloponnhsiakav (como taV Mhdikav ou taV Trwikav)³” e que “abrange várias lutas em que se confrontaram atenienses e peloponésios, incluindo também o período em que apesar da vigência da paz de Nícias, os dois povos combateram, intervindo em divergências de seus aliados (...) diríamos hoje guerra fria (...) (e) que durou 27 anos” (*TUCÍDIDES*, Introdução, 1999, p.XV).

Mais precisamente no livro VI, Tucídides, ao relatar a história da antiga Sicília – um prelúdio para a narração da expedição ateniense contra Siracusa –, apresenta vários pormenores sobre a fundação de várias colônias

³ Guerras Médicas e Guerra de Tróia.

gregas e que ajudam no estabelecimento cronológico do período. Devido a essa grande importância histórica, apresento a seguir o trecho que vai do parágrafo 3 a 5 e que será posteriormente analisado no capítulo referente à cronologia do proto-coríntio⁴:

“II. A Sicília foi colonizada originalmente da seguinte maneira, e o número das nações que a ocuparam eram estas (...)

III. Dos helenos (...) os primeiros a navegarem para lá foram os calcídios da Eubéia, que colonizaram Naxos⁵ –com Tucles como fundador⁶- e construíram um altar em honra de Apolo Arquegeta⁷. Este se localiza agora fora da cidade; nele *theoroi*⁸ antes de partirem ofereciam sacrifício. No ano seguinte Siracusa⁹ foi fundada por Arquías –um dos heraclídas de Corinto- depois que ele expulsara os sículos da ilha, não mais circundada por água, onde hoje fica a parte interna da cidade; e, em um período posterior, a parte externa da cidade também foi ligada por muros e tornou-se populosa. No quinto ano após a instalação de Siracusa, Tucles e os calcídios, partindo em viagem de Naxos, expulsaram em uma guerra os sículos e fundaram Leontionos e depois Catânia¹⁰. Os catânios, porém, escolheram entre eles mesmos, como fundador, Evarco.

IV. Quase na mesma época, Lâmis também veio para a Sicília conduzindo uma colônia de Mégara e estabeleceu-se num lugar chamado Trôtilo, para além do rio Pantáquias; mas saiu de lá e se

⁴ Estou fazendo a tradução dos parágrafos que trabalho direto do grego para o português com a ajuda de Ivonete de Souza Rabello (aluna de mestrado de Letras Clássicas da FFLCH/USP). Pela dificuldade de se traduzir Tucídides, mesmo para o mais arguto estudioso de grego, preferimos neste momento traduzi-los baseado na tradução inglesa de Charles Forster Smith, col. Loebb (ver bibliografia). Contudo, em alguns momentos nos voltamos ao texto clássico de forma a fornecermos uma tradução mais confiável possível. As notas aqui surgem então como um bom auxiliar para a explicação da narrativa. Tenho como objetivo oferecer mais adiante uma tradução direta do grego para o português. Gostaria de lembrar que as “n.t.” referem-se àquelas do autor inglês Charles Forster Smith.

⁵ 735 a.C. O local foi o melhor ponto para a colonização de Helas, próximo a Tauromenium (Tormina). (n.t.).

⁶ Um líder apontado por um estado para conduzir pessoas enviadas para estabelecer uma colônia. Ele provavelmente recebia privilégios e subsídios enquanto vivo, e certamente recebia honras divinas – sacrifícios e jogos- depois de morto. Se uma colônia posteriormente fundasse uma outra colônia, era usual pedir a um líder da cidade-mãe (n.t.).

⁷ Também chamado “fundador” ou protetor de uma nova colônia.(n.t.).

⁸ Emissários sagrados.

⁹ 734 a.C. (n.t.).

¹⁰ 729 a.C. (n.t.).

juntou à colônia dos calcídios em Leontinos. Algum tempo depois foi expulso por eles e, então, depois de fundar Tapsos¹¹, morreu. Seus seguidores¹² foram expulsos de Tapsos e assentaram-se em um lugar chamado Mégara Hibléia¹³, visto que Híblon, um rei sícelo havia cedido a eles a terra e os conduzira até o local. Depois de viverem lá por duzentos e quarenta e cinco anos, eles foram expulsos da cidade e da região por Gélon, tirano de Siracusa. Mas, antes de serem expulsos – cem anos depois que tinham se estabelecido – fundaram Selinonte¹⁴, mandando para lá Pâmilos que veio da metrópole Mégara e se juntaram na colonização. No quadragésimo quinto ano da colonização de Siracusa, Antifemo de Rodes e Entimos de Creta conduzindo colonos, juntos fundaram Gela¹⁵. A cidade recebeu o nome do rio Gela, mas o local onde está agora a acrópole e que foi primeiro a ser fortificado é conhecido como Lúndios¹⁶. Foram estabelecidas instituições dórias. Passados perto de¹⁷ cento e oito anos de sua própria fundação, os Geloanos fundaram Acragas e deram o nome à cidade por causa do rio Acragas¹⁸, tendo designado Aristonos e Pístilos como fundadores e dando a ela as mesmas instituições dos Geloanos. Zancle foi fundada inicialmente por piratas vindos de Cime, cidade calcídica em Opícia. Mais tarde, porém, um grande número de colonizadores veio de Cálcis e do resto da Eubéia e partilharam a terra;¹⁹ os fundadores foram Perieres e Cratêmenes, um de Cime e o outro de Cálcis. O nome da cidade inicialmente era Zancle e foi assim chamada pelos sícelos porque o local tinha a forma de uma foice (pois os sícelos usavam *zanclon* para designar *foice*). Mais tarde, esses colonizadores

¹¹ Península ao norte de Siracusa (conhecida atualmente como Ilha Magnisi).

¹² Na verdade, em grego está escrito *hoi alloi* isto é: os outros, os demais. Contudo, o texto em inglês traduz como *his followers*.

¹³ 728 a.C.

¹⁴ 628 a.C..(n.t.).

¹⁵ Este passo não segue a tradução inglesa literalmente. O texto grego parece colocar em destaque a fundação conjunta e o fato de que os dois fundadores chegaram à região conduzindo os colonos. 689 a.C.. (n.t.).

¹⁶ *idem*. Também chamada de Lindos em Rhodes (n.t.).

¹⁷ em grego - e freqüente em Tucídides – temos um superlativo de *engús* (perto).

¹⁸ 581 a.C. (n.t.).

¹⁹ Embora o tradutor inglês, traduza *partilharam a terra com eles*, o verbo em grego é *csinkatanémo* ou *sinkatanémol*, que significa “partilhar”.

foram expulsos pelos sâmios e outros iônios que, fugindo dos persas, desembarcaram na Sicília. Não muito tempo depois, os sâmios foram expulsos por Anasilas, tirano de Régium que colonizou o local com uma população miscigenada e mudou seu nome para Messene²⁰, como da sua própria terra natal.

V. Himera²¹ foi colonizada a partir de Zancle por Euclides, Simos e Sácon. A maior parte dos colonizadores era de calcídios, mas também se fixaram lá com eles, fugitivos de Siracusa que tinham sido derrotados em uma disputa entre facções, os Milétidas, como eram chamados. A língua deles era uma mistura de calcídio e dório, contudo, as instituições calcídias prevaleceram. Acras e Casmenas foram colonizadas pelos Siracusanos: Acras²² setenta anos depois de Siracusa, Casmenas²³ aproximadamente vinte anos depois de Acras. Camarina²⁴ foi primeiramente colonizada pelos Siracusanos mais ou menos cento e trinta e cinco anos após a fundação de Siracusa; seus fundadores foram Dáscon e Menécolos. Mas os Camarinos foram expulsos pelos siracusanos em uma guerra que surgiu a partir de uma revolta e, um pouco depois, Hipócrates, tirano de Gela²⁵, recebendo o território dos Camarinos como resgate em troca de alguns prisioneiros de guerra siracusanos, tornou-se ele mesmo o fundador e recolonizou Camarina. Novamente o território foi despovoado por Gelon e foi então colonizado pela terceira vez pelos geloanos.

VI. Tais foram os povos, helênicos e bárbaros, que habitaram a Sicília; e tal era a magnitude da ilha que os atenienses se empenhavam em invadir (...)”

²⁰ 730 a.C.(n.t.).

²¹ 648 a.C. (n.t.).

²² 664 a.C.

²³ 644 a.C. (n.t.).

²⁴ 599 a.C. (n.t.).

²⁵ de 498 até 491 a.C. (n.t.).

1.4 Colonizadores e Colonizados: dos primeiros contatos ao intercâmbio cultural

Ao chegarem ao Ocidente, os gregos já vinham com uma idéia programada do local a ser escolhido. Acima de tudo, dava-se preferência àqueles locais que tivessem alguma importância estratégica e comercial para os colonizadores, isto é, que pudessem ser mais facilmente defendidos, que possuíssem um acesso facilitado ao litoral, que tivessem terras cultiváveis e onde um maior número de recursos pudessem ser explorados – como vimos, os maiores desejos daqueles que partiam do continente (BOARDMAN, 1975 e CARRATELLI, 1996).

O local para onde os gregos iam ao Ocidente não considerava a distância da ‘pátria-mãe’, pois se teoricamente fosse preferível ir colonizando os lugares mais próximos e favoráveis e, desse modo, estabelecer pontos de apoio, na prática os gregos colonizadores não se importavam muito com as distâncias. “As primeiras colônias foram, com efeito, as situadas mais ao norte da faixa ocidental da Itália, ficando a baía de Nápoles a ser o ponto mais distante da penetração grega na região” (WOODHEAD, 1972, p.34). O caso mais expressivo dessa situação é o de Cumas (situada na região da Campânia), colônia mais antiga no Ocidente que, dentre todas as outras, era a que localizava a maior distância da pátria-mãe: Cálcis, na Eubéia.

Por conseguinte, por mais que a pátria dos colonos almejasse exercer algum controle político sobre o novo território, o afastamento espacial agia como um obstáculo. Estava aberto espaço nesse momento para que as colônias ficassem senhoras de si, sem vinculações políticas com o local de origem. “Todavia, os laços sentimentais, com um vigor muito peculiar, foram capazes de, tal como nos nossos tempos, combinar com êxito unidade e diversidade e de aliar a comunidade de pensamento e de interesses à liberdade e à independência. A

estrutura da Hélade permaneceu assim uma entidade única ...” (WOODHEAD, 1972, p.18).

Essa relação, freqüentemente pacífica e cordial entre colônia e a sua cidade de origem, não se revelavam no trato com os povos autóctones. Principalmente por estarem em busca de ‘melhores oportunidades para sobreviver’ – fenômeno que, como vimos, se traduzia na busca de terras para a população viver e cultivar – os colonos pressionaram para o interior os povos indígenas localizados próximos a seus assentamentos, visando conquistar um maior ‘espaço vital’.

Como consequência, ficava estabelecida uma linha divisória que delimitava uma zona costeira grega e o interior indígena; um verdadeiro marco geográfico no continente italiano arcaico.

Por outro lado, os habitantes indígenas, ao invés de expulsos do seu território, também poderiam ser englobados na esfera de uma colônia para logo em seguida serem eliminados. Casos típicos dessa situação são Locres e Leontino, esta última citada por Tucídides (BÉRARD, 1960, p.87):

“Os leontinos, quando os atenienses haviam deixado a Sicília após a paz geral, alistaram muitos cidadãos novos e o povo pretendia fazer uma redistribuição das terras. Os oligarcas, todavia, percebendo essa intenção, chamaram os siracusanos e expulsaram o povo. Este se dispersou em todas as direções(...)” (TUCÍDIDES V, 4).

Posteriormente o aspecto expansionista foi diminuindo e, com a melhora das condições de vida, foi possível estabelecer um intercâmbio com a população indígena que tinha se fixado no interior do continente. Estava aberto o caminho para aquele fenômeno que de la Genière (1970, p.363) denominou como “a penetração da cultura material grega no mundo indígena”.

Segundo Funari e Pollini, as fontes literárias antigas não definiam precisamente as fronteiras entre uma cidade grega e o território indígena da

mesma forma que entre duas cidades gregas. Na realidade elas chegaram mesmo a definir este território como vazio, o que fez com que este espaço ficasse conhecido como terra de ‘ninguém’, onde apenas bravos homens conquistá-las. Contudo, conflitos e demonstração de poder grego (erguendo fortificações) eram constantes (Pollini e Funari, pg.6-9).

Nesse ambiente conturbado das relações sociais, a arte presenciou movimentos de aculturação e contra-aculturação, assim como de refutação e assimilação dos vários elementos artísticos. É dentro dessa complexidade de relações no Ocidente que temos de enxergar a cerâmica arcaica de Corinto que tinha se espalhado por todo o canto do mundo Mediterrâneo.

As colônias ocidentais, da mesma forma que as populações locais, desde o começo da colonização, haviam se interessado largamente pela cerâmica coríntia (também se presenciaram estilos eubéios no início das colônias eubéias).

O contato dessa cerâmica, no séc. VII a.C., com a região da Etrúria, por exemplo, gerou um fenômeno típico dos efeitos dos intercâmbios culturais e artísticos entre essas sociedades. Os artistas etruscos – em locais como Vulci, Tarquínia e Caere –, atraídos pelo tipo de decoração friso-animal (estilo orientalizante), vindo das importações de Corinto, procuraram freqüentemente produzir uma cerâmica ‘semelhante’ para satisfazer um gosto artístico que havia sido permeado pelo elemento estrangeiro. Tinha origem o estilo de cerâmica conhecida como etrusco-coríntia.

Se vasos como a enócoa Chigi (catálogo 4.1.2: 20)²⁶ já eram importados desde um período mais recuado no tempo, uma produção largamente *alla corinzia* começou a ser principalmente produzida quando se tentou imitar protótipos coríntios do período de transição (630-620/615 a.C.). As formas

²⁶ Os números referem-se àqueles do *corpus* documental.

coríntias, por exemplo, preferidas pelos artistas da Etrúria eram a enócoa, a olpe, alabastro²⁷, o aríbalo globular e a cratera com colunas (AMYX, 1988, p.686).

Quanto a identificar as diferenças na decoração entre o estilo etrusco-coríntio e a cerâmica coríntia se apresenta como uma das maiores dificuldades no estudo daquele estilo; muitas vezes mesmo para o mais arguto pesquisador.

Sabe-se que a cópia direta dos modelos coríntianos não acontecia com grande frequência já que as figuras coríntias assimiladas não possuíam uma correspondência direta. Dessa forma, é possível observar por meio das distorções e das concepções errôneas as diferenças entre o etrusco-coríntio e a pintura de vaso coríntia.

Enquanto isso, os assentamentos coloniais ocidentais tentavam ser auto-suficientes; não só economicamente como artisticamente. Adaptando estilos artísticos (pinturas de vaso, arquitetura) da pátria-mãe, as colônias mais prósperas tentavam “desenvolver estilos e gostos individuais com independência entre si e com respeito à metrópole”, ou seja, sem ser indígena, mas adaptando-se aos vários materiais disponíveis em cada local; fenômeno esse ainda mais destacado quando averiguamos que, entre os colonizadores, existiam artistas e que os intercâmbios artísticos agiam como uma ligação direta para as mais novas modas gregas (BOARDMAN, 1975, p.198).

Ficam, portanto, estabelecidas aqui as principais características histórico-artísticas da cerâmica ocidental colonial que permitirão, na segunda fase da minha pesquisa – por meio de um estudo analítico e comparativo (‘os *comparanda*’) –, partir para um refinamento do quadro cronológico da cerâmica proto-coríntia e para uma definição mais clara para o termo proto-coríntio (ambas questões que serão iniciadas no próximo capítulo). Tudo isso sem desconsiderar questões como emigração, colonização, rotas comerciais e artísticas, comércio etc.

²⁷ Consultar . Bibliografia: Ver exemplar de enócoa em Amyx (1988), vol. 2 pg.689-690 e 3 peças de Szilágyi em *WZ Rostock* 16 (1967); alabastro em Amyx (1988), vol.2 pg.691 e vol. 3 prancha 128: 2 a-b; e olpe em Amyx (1988), vol.2, pg. 691 e vol. 3, pl 128: 1

1.5 Proto-Coríntio: em busca de sua definição

Em 1879, Furtwängler e Helbig (*apud* VILLARD, 1938) trouxeram as primeiras definições desse estilo. Mas foi Furtwängler o verdadeiro inventor do ‘proto-coríntio’, pois ele, mesmo, sem ainda acrescentar esse nome, já reconhecia nessa cerâmica o ponto de partida do estilo coríntio.

Questões sobre a origem do proto-coríntio, as datações, entre outras já eram discutidas nessa época. A origem coríntia dessa cerâmica como Villard (1938), por exemplo, escreveu em seu artigo “La chronologie de la céramique protocorinthienne”, não era um dado confiável, visto que, segundo o mesmo autor, só se consegue dados precisos quando a cerâmica coríntia foi fabricada em Corinto. Sob esse aspecto, é extremamente importante analisarmos as diferentes localizações oferecidas para a série proto-coríntia e o seu sentido variável.

Se antes víamos um confinamento do termo em torno ou dos vasos coríntios ou dos pequenos vasos geométricos, várias pesquisas realizadas alargaram parte daquela visão de Furtwängler, abarcando progressivamente uma grande parte do geométrico. O proto-coríntio foi se ampliando tanto que passou a englobar desde os pequenos vasos coríntios até as imitações etruscas deste estilo cerâmico, que são conhecidas como ítalo-coríntias.

Comumente a série proto-coríntia é dividida em dois grupos:

- vasos geométricos: de pequenas dimensões com decoração bem simples e com uma técnica excelente; as formas aqui são aquelas das cótilas, esquifos, aríbalos globulares, enócoas com fundo achatado e píxides;
- vasos de aspecto orientalizante: o aríbalo é o tipo essencial.

Mas é um número restrito de pequenos vasos que constituem o proto-coríntio por excelência e neles há zonas que são decoradas com cenas humanas ou figuras animais, em um estilo miniaturista, sublinhado de incisões e enriquecido de cores vivas. Entre eles se destacam os aríbalos com gargalo

plástico e a enócoa Chigi (catálogo 4.1.2: 20); ambos verdadeiras obras-primas da Antigüidade.

Se a origem antigamente era muito bem admitida, há sessenta anos ela foi recolocada em discussão. De forma alguma, quando usamos o termo proto-coríntio, estamos prejulgando um lugar comum de origem; ele simplesmente define uma série, ou seja, afirma a existência de relações indiscutíveis com a cerâmica coríntia. Não nos é proibido de até situar a sua fabricação em qualquer cidade da Grécia central que tivesse relação comercial com Corinto. Veja-se o caso do pesquisador Weinberg (1941, p.30-44) que, se baseando em escavações americanas realizadas em Corinto, conseguiu distinguir duas séries geométricas:

- a fabricada em Corinto e plena de elementos orientalizantes;
- o proto-coríntio geométrico: que é diferenciado do anterior pela sua proveniência (sendo desconhecido em Corinto e formando parte das antigas sepulturas gregas do Ocidente), por sua técnica e por sua decoração de tipo curvelíneo.

Contudo, para Villard (1938, p.12), a diferença de técnica, por não ser tão grande, não é algo que sirva para diferenciar as duas cerâmicas, mas sim “*la finesse incomparable du travail protocorinthien*” é que melhor demonstra isso. Para ele, podemos admitir ainda que a cerâmica proto-coríntia geométrica foi fabricada em Corinto por duas razões: primeiro, talvez por ser um artigo de luxo, ela não se encontrava nessa cidade, sendo exportada não apenas para a Grécia, mas para colônias mais distantes; segundo, foi encontrada em Corinto a cerâmica proto-coríntia orientalizante e se admitimos que tanto esta como a geométrica não podem ter origens diferentes (como veremos a seguir, as influências da arte oriental se fundiram com sobrevivências micênicas), a falta desta última criaria uma lacuna inexplicável entre o período geométrico e a cerâmica propriamente coríntia.

Logo, segundo o autor, até que se prove o contrário, a cerâmica proto-coríntia foi fabricada em Corinto, “seja que ela constitua uma fase na evolução da cerâmica coríntia, seja que forme um grupo particular, saído de fábricas concorrentes” (VILLARD, 1938, p.13).

1.6 Datação Relativa e Absoluta: descobrindo o proto-coríntio

A investigação arqueológica muitas vezes é realizada por meio “da ordenação dos artefatos, depósitos e acontecimentos em seqüências, onde os mais antigos estão antes dos mais recentes”, seja em contextos estratigráficos ou mediante a variação tipológica destes (RENFREW, BAHN, 1993, p.107).

Esse tipo de cronologia comparativa é extremamente útil quando queremos compreender como os objetos se desenvolveram ao longo do tempo, porém por meio dela conseguimos relacionar os objetos para o nosso tempo, não nos sendo possível obter a idade exata, absoluta.

No entanto, a cerâmica proto-coríntia é utilizada como uma forma de se conseguir uma cronologia relativa e absoluta, visto que “em razão da evolução indiscutível de seus tipos (...) e da difusão deles em todo o mundo antigo” ela constitui um “dos mais preciosos marcadores para a época arcaica” (VILLARD, 1938, p.7). Algumas vezes, por exemplo, o material existente em um sítio arqueológico pode ser classificado aproximadamente no tempo apenas por meio dos vasos proto-coríntios lá presentes.

A importância da cerâmica proto-coríntia é ainda mais enfatizada quando percebemos – como destacarei detalhadamente logo mais – a freqüente falta no mundo antigo de datas históricas incontestáveis, assumindo aquela cerâmica a função de oferecer, em um caso particular, algumas certezas sobre o início da colonização no Ocidente.

Não é de espantar então que a cronologia absoluta da arte arcaica (mais especificamente do arcaísmo do séc.VII a.C) “repousa sobre um só sistema em aparência coerente e sólido, aquele da cerâmica de Corinto” (DUCAT, 1962, p.165). Isso acarreta que, freqüentemente, quando queremos datar bem qualquer estilo de vaso da época orientalizante, uma ‘*mise en contact*’ com um momento qualquer do coríntio ou proto-coríntio se torna essencial.

Antes de partirmos para uma análise mais apurada, é importante lembrar que essa cronologia baseada na comparação enfrenta de início um problema, pois “se experimenta sempre uma certa impressão de insegurança em face do termo proto-coríntio” (VILLARD, 1938, p.7). Os autores, como veremos a seguir, variam muito em sua definição, oferecendo com isso ‘um significado’ para o termo bem impreciso, o que dificulta qualquer construção de uma tabela cronológica.

1.7 A Cronologia do Proto-Coríntio: principais discussões

No decorrer da retomada dos contatos comerciais, a partir do séc. IX a.C., Corinto acolhe, ao redor de 725 a.C., as suas primeiras influências orientais que farão surgir uma verdadeira cerâmica orientalizante. Motivos novos (geométricos, vegetais e animais) do Oriente ou retomados do repertório micênico começam a penetrar após essa data, só que já helenizados, elaborados e prontos para se integrar num conjunto grego. Vários arqueólogos por meio de suas pesquisas demonstraram que um ‘domínio grego’, que ia de Creta até Chipre passando por Rodes, serviu como o intermediário pelo qual a cerâmica tardia de Corinto foi posta em contato com as fontes micênicas e orientais que a renovariam. Dessa forma, vemos surgir após 725 a.C. um estilo que adaptou todos os elementos orientais que eram acolhidos, integrando-os em um quadro bem original que era o seu estilo linear geométrico (WILL, 1955, p.58-59).

O orientalizante em Corinto preservou a tradição decorativa anterior se firmando de tal maneira que veio a dar lições de concisão e composição à Ática, vindo esta mais tarde a absorver o estilo orientalizante.

A construção desse panorama histórico do período não nos mostra, contudo, a dificuldade que se esconde para a construção de uma tabela cronológica que nos permita compreendê-lo de forma mais aprofundada e detalhada.

O problema tem início quando verificamos que para a sua datação o proto-coríntio depende, para todo o período mais recente, do estabelecimento de paralelos com a cerâmica coríntia. A partir daí surgem duas cronologias que colocam os vasos proto-coríntios ou como anteriores ou contemporâneos dos vasos coríntios.

Os apoiadores da tese recente, por um lado, tentam atribuir datas aos mais belos vasos proto-coríntios sem se preocuparem com o conjunto da cronologia. Por outro lado, a primeira solução foi reforçada e precisada com numerosos argumentos. A evolução tipológica regular do aríbalo e a frequência com que era encontrado aparecem como o melhor instrumento para a comprovação da anterioridade dos vasos proto-coríntios. Mesmo outros tipos cerâmicos mostrariam o progresso da decoração da arte arcaica para a arte orientalizante.

Mas essa evolução estilística, revelará Payne (1931), nem sempre é contínua e ‘evolutiva’, pois quando acontece a passagem para o coríntio, há um grupo conhecido como ‘transicional’ (segundo ele, de 640 a 625 a.C.) que, embora tivesse o caráter coríntio, tem semelhança ainda na técnica, na forma e no desenho com o proto-coríntio recente (segundo ele, 650-640 a.C.).

O estudo da evolução foi tanto trabalhado por Payne (1931) como por Johansen (*apud* VILLARD, 1938). Este utilizou, para a cronologia proto-coríntia, as datas que historiadores deram aos estabelecimentos gregos no Ocidente e

comparou a cronologia absoluta dos sítios e a cronologia relativa, fornecida pela cerâmica proto-coríntia, para estabelecer um sistema cronológico bem preciso.

Johansen dizia que os autores antigos confirmam a fundação das cidades gregas da Sicília e da Itália para antes do fim do séc. VIII a.C. e como um rico material proto-coríntio arcaico – a série proto-coríntiana dos aríbalos pançudos – foi lá encontrado, ele remontaria a esta data distante. Dessa forma, colocou-se a série de aríbalos pançudos antes dessa data e os aríbalos ovóides²⁸ em pleno séc. VII a.C. Ele criara assim um verdadeiro sistema cronológico que dava para a cerâmica antiga, descoberta em um determinado sítio, a data que a tradição histórica transmitiu para essas cidades-colônias.

É relevante lembrar que uma das razões para os autores situarem o proto-coríntio na metade do séc. VII a.C. é que ele se encaixa melhor com a cronologia de Johansen, que indica o início do proto-coríntio em plena época geométrica.

Em 1931, H.G. Payne, na obra *'Necrocorinthia. A study of corinthian art in the archaic period'*, completa a cronologia de Johansen, estendendo-a para a cerâmica coríntia, ou seja, as primeiras etapas do desenvolvimento da cerâmica coríntia seriam aquela até então conhecida como siciônia e a partir de então denominada proto-coríntia. Mais especificamente em sua obra Payne disserta sobre a evolução da cerâmica pelos estilos, comparando-os com as datas absolutas de várias cidades gregas, tornando-se assim o primeiro a reconstituir a evolução das diferentes formas de vasos de estilo proto-coríntio.

²⁸ Villard lembra que a evolução tipológica do aríbalo (pançudo, ovóide e piriforme) fornece um bom instrumento de datação.

CRONOLOGIA DE PAYNE	
<i>Cerâmica coríntia arcaica</i>	<i>Data (a.C.)</i>
proto-coríntio antigo	725-700
proto-coríntio médio	700-650
proto-coríntio recente	650-640
período de transição	640-625
coríntio antigo	625-600
coríntio médio	600-575
coríntio recente	575-550

Payne usava como ponto de partida para o seu sistema cronológico as datas de fundação das colônias sicilianas (para ele fim, do proto-coríntio e início do coríntio: período de transição), mais precisamente aquelas de Siracusa e Selinonte que, de acordo com Tucídides (VI, 3-5), girariam em torno de 733 e 628/7. As camadas mais profundas dessas duas cidades estavam forradas de fragmentos cerâmicos, o que ajudou e muito na construção de uma tabela cronológica. Em Siracusa, havia características do estilo proto-coríntio antigo na cerâmica mais antiga, enquanto que em Selinonte – cidade mais recente – os fragmentos mais antigos recuavam para o coríntio antigo e para o estilo de transição. Na época de seu trabalho, Payne acrescentou que “o material arqueológico agora disponível fala fortemente em favor de Tucídides” (DUCAT, 1962, p.167).

Como destacado anteriormente, entre os autores antigos que nos forneceram datas de fundação colonial, Tucídides é, sem dúvida, o mais antigo e importante de todos. Em seu livro sobre a guerra do Peloponeso (conflito que opôs Atenas e Esparta), ele nos relata que resolveu escrever sobre esse assunto ao perceber que aquela seria a maior guerra de todos os tempos, buscando comprovar isso por meio de uma sucinta análise da história grega (I, 1-21). A decisão ateniense de invadir a Sicília, em 415 a.C., foi o ponto de virada da

guerra e, ao longo de sua narração da expedição siciliana, o autor fez uma análise detalhada da situação da ilha no período, fornecendo também as datas de fundação de onze colônias antigas (II, 65; VI, 3-5): Naxos, 734; Siracusa, 733; Leontino, 729; Catânia, 729; Mégara Hiblaea, 728; Gela, 688; Acrai, 663; Casmenai, 643; Selinonte, 628; Camarina, 598; e Acragas, 580²⁹.

No entanto, a cronologia de Tucídides apresentou sérios problemas quando afirmou a anterioridade de Siracusa (733) sobre Mégara (728), mas que segundo o exame do material da cerâmica das duas cidades e escavações de uma equipe francesa era o contrário (MEGARA, 750 e SIRACUSA, 733).

A data de Tucídides ao que parece refletia na verdade não um evento histórico, mas sim um desejo histórico dos siracusanos afirmarem sua Antigüidade. A dúvida pairava então sobre o resto de sua datação, entre elas também aquela de Selinonte. Tendo isto em conta Momigliano destaca que nunca devemos separar a verdade que o historiador transmite (descobre) dos princípios de organização do relato que ele realiza. Logo o que importa em Tucídides são as ideologias de seu tempo que lá transparecem quando descreve as eras anteriores a sua (MOMIGLIANO, 1984, p.13-36).

Além disso, Van Campenolle (1959) afirma que as datas de fundação sicilianas não podem ser consideradas como históricas, pois os sistemas cronológicos conservados pelos autores antigos seriam na verdade reconstruções artificiais. Uma prova acrescida a isso seria a divergência existente entre diversos autores antigos (Tucídides, Eusébio e São Jerônimo) sobre a ocupação de um mesmo sítio³⁰. Na visão pessimista de Ducat (1938, p.170), “é desde a origem

²⁹ Ao afirmar, na narrativa, que Mégara Hiblaea foi destruída 245 anos após sua fundação pelo tirano de Siracusa, Gélon, Tucídides nos forneceu um ótimo instrumento de trabalho. Isso porque referências literárias nos dão datas precisas para Gélon, ajudando assim a fincar a data de fundação para Mégara (728). Partindo deste marco foi possível chegar ao estabelecimento das datas de fundação das outras colônias mencionadas. Vale destacar que alguns autores variam em um ano a fundação, contudo a seqüências das datas continuam a mesmas.

³⁰ Os autores antigos estabeleciam as datas sobre a base do cálculo por gerações e sobre os dados tradicionais que dizem respeito aos intervalos de tempos que separam várias fundações ou à duração de algumas cidades. Biers ressalta que o difícil é saber a duração de uma geração para os autores que a usavam.

que as datas de fundação foram esquecidas (em realidade, como datas elas nunca existiram); a história não as dará de novo jamais”.

Ora, Tucídides escreveu sobre as datas de fundação das colônias três séculos depois e em nenhum momento mencionou quando elas devem ter sido estabelecidas. Na verdade, ele, de acordo com Morris (1996, p.52), não diz nada sobre as fontes que utilizou para obter aquelas datas de fundação, o que não é de estranhar em um autor que disse que não podemos estar certos sobre nada nos tempos antigos (I, 1; I, 20).

Hipóteses sobre a origem de suas fontes foram levantadas (utilização da genealogia de famílias líderes sicilianas ou de registros dos colonos sicilianos), mas, até o momento, não se obteve nenhuma comprovação. Por conta disso, críticas severas são dirigidas contra o seu ‘prefácio metodológico’ (I, 20-23) e contra a sua afirmação de que tomava a cronologia mais seriamente do que qualquer historiador até então (I, 97; V, 20). Com efeito, de acordo com o arqueólogo Morris (1996, p.51), “não podemos tratar as datas de Tucídides como um padrão cronológico que fixa a cerâmica coríntia no tempo além da dúvida”.

Se no começo a data de fundação de Selinonte era posta em 628/7 devido principalmente à autoridade de Tucídides e do próprio Payne, os trabalhos de Vallet-Villard (*apud* Ducat, 1962) conseguem recuar a data para 650 a.C., pois estes encontraram aríbalos proto-coríntios em contextos arqueológicos anteriores à cronologia de Tucídides.

Além desse problema presente na tomada de um ‘padrão tucidídiano’ para a construção de sua cronologia, Payne também equivocou-se ao atribuir uma duração padronizada para cada fase. Elas se referem visivelmente à vontade dele de montar um sistema o mais sólido possível, tomando então a duração de 25 anos como o tempo necessário para a passagem de um estilo a outro. O maior equívoco dessa visão se apresenta quando o autor comprime no espaço de 25 anos o proto-coríntio recente e o estilo de transição, de forma a passar ‘*en douceur*’ do estilo proto-coríntio ao coríntio, o que não é atestado tanto pela

grande quantidade de vasos encontrados, quanto pela autonomia estilística – verificada na sua variedade de elementos próprios – do período de transição (ETTIENE; MÜLLER; PROST, 2000, p.25).

Apesar desses problemas, um fato veio, se não confirmar plenamente, pelo menos oferecer credibilidade àquela cronologia de Payne e, de certa forma, apoiar as datas de Tucídides.

No sítio de Pithecusas (atual ilha de Ischia) – uma das primeiras instalações gregas na Magna Grécia –, foi encontrada uma sepultura (com ossos de um menino de 10 anos e de uma menina de 2 anos) com material coríntio (aríbalos do proto-coríntio antigo) associado a um escaravelho egípcio com a marca do faraó Bócchoris (que governou de 718/17-712 a.C.). A associação desses objetos em um depósito fechado, ao que tudo indica, confirma as datas 725-700 como a época do estilo do proto-coríntio antigo, mesmo que algumas pequenas alterações tenham que ser feitas, em virtude do tempo que se tem que acrescentar ao encaminhamento do escaravelho para o sítio e da data mais recente da tumba (que foi feita após a morte do faraó).

De acordo com Amyx (1988, p.428), várias escavações e estudos vêm confirmando e corrigindo em alguns anos a tabela de Payne que, pelo menos desde 1935, se apresenta como o sistema cronológico mais satisfatório. A cerâmica grega encontrada em pontos do Oriente Próximo, por exemplo, ajudam a reforçar as datas da evidência ocidental (HANNESTAD, 1996). Mesmo assim, alguns ajustes foram feitos. Como exemplo disso, temos datas menores para o começo e o fim do proto-coríntio antigo e também para o coríntio antigo, além de outros ajustes compensatórios ao longo de todo o sistema. Ao final, a tabela, conhecida hoje como cronologia ortodoxa absoluta da cerâmica coríntia arcaica, é apresentada da seguinte forma:

CRONOLOGIA ORTODOXA ABSOLUTA	
<i>Cerâmica coríntia arcaica</i>	<i>Data (a.C.)</i>
geométrico recente	750-720
proto-coríntio antigo	720-690
proto-coríntio médio I	690-670
proto-coríntio médio II	670-650
proto-coríntio recente	650-630
período de transição	630-620/615
coríntio antigo	620/615-595/590
coríntio médio	595/590-570
coríntio recente I	570-550
coríntio recente II	após 550

1.8 Cronologia do Proto-Coríntio

Ao trabalhar com a questão da cronologia no mundo clássico, Biers (1992, p.1) destacou que os objetos e restos físicos são o material de trabalho do arqueólogo e que eles “podem fornecer todos os tipos de informações relacionadas com a vida e os tempos da civilização que está sendo estudada”. Afirmação essa que, no mundo grego, entre outras civilizações do mediterrâneo antigo, merece especial atenção a partir do instante em que nessa região os arqueólogos têm encontrado uma abundância de material, que pode ir desde um fragmento cerâmico até um templo completo.

Nesse contexto de profusão de objetos a serem trabalhados, o arqueólogo clássico, segundo Biers, busca encaixar o seu material de pesquisa em uma mais ou menos estabelecida estrutura cultural.

Na busca por um encaixe ‘perfeito’, a datação surge como um instrumento que auxiliará o arqueólogo em sua empreitada. Ela pode ser feita de

duas formas: utilizando uma datação absoluta que procura averiguar em anos as distintas partes de uma seqüência, isto é, pegando um objeto e o relacionando com a nossa época, para assim recolocá-lo em uma escala temporal que tem como base o cálculo anual; ou, ainda, como acontece em boa parte do tempo com a cerâmica proto-coríntia, com a datação relativa, no qual se compara um objeto a outro buscando os pontos comuns, que os aproximam cronologicamente, e as diferenças, que os afastam.

2 SIGNIFICADOS E FUNÇÕES DOS VASOS PROTO-CORÍNTIOS

2.1 Introdução

Os perfumes têm recebido seus nomes seja de seu país de origem, seja da essência que os constitui, seja da árvore de onde eles provêm, seja de causas particulares; antes de tudo é necessário saber que sua reputação e sua voga têm freqüentemente variado (PLÍNIO, o Velho; 13.2; Grifo nosso).

Largamente fabricada entre os sécs. VIII–VI a.C., a cerâmica coríntia, no sentido mais amplo, tem uma importância única para a arqueologia do período arcaico. Seja pela sua difusão em todo o Mediterrâneo, seja pela (re)captura de elementos estilísticos estrangeiros assimilados por ela – expandindo os horizontes artísticos da época –, ela desperta, há algum tempo, um ávido interesse do estudioso, que enxerga nela um instrumento singular que lhe permitirá conhecer parte do mundo antigo.

Talvez um dos pontos mais chamativos e controversos da pesquisa desse estilo cerâmico seja tentar descobrir qual era a sua funcionalidade nos vários locais onde foram encontrados. Trata-se de uma investigação que envolve desde aspectos econômicos e artísticos, até religiosos, e que serão observados aqui à luz dos resultados de várias escavações, do debate entre vários autores e dos paralelos e variações entre cerâmicas dos diferentes períodos estilísticos de seu desenvolvimento.

Embora a temática desta pesquisa tivesse inicialmente como objetivo girar exclusivamente em torno da relação religião-arqueologia, fui percebendo, ao longo da pesquisa, que isso não seria suficiente, pois questões econômicas e artísticas também influenciaram o papel assumido pela cerâmica proto-coríntia em sua época. Segundo BOARDMAN (1998), as necessidades da sociedade em que o artífice grego atuava podiam determinar para qual ambiente (funeral, sagrado, mercado etc.) sua arte iria. Cabia a ele “decidir como isto era feito e o

desenvolvimento dos meios de expressão estavam em suas mãos, condicionado pela técnica bem como pela imaginação e sentido estético” (p.8). Isto é, ao homem cabia o destino final da cerâmica; objeto que como aquele descrito por MEJUIEF (cit. in FUNARI, 1988, p.16) recebia a forma humana ao “encerrar em si um conteúdo social (e não natural)”.

2.2 A Função dos Vasos Proto-Coríntios: recipientes ou objetos votivos?

Dentre os vasos proto-coríntios, parece claro que o aríbalo globular (Fig. 1; catálogo 4.1.1:4) foi o primeiro a adaptar o novo estilo de decoração. Essa pequena vasilha com o pescoço estreito é continuamente reproduzida pelos artistas de várias formas: suspenso pelo pulso de um atleta – pronto para passar óleo em seu corpo –, dependurada no muro com uma esponja ou como parte do equipamento de banho das mulheres.

Mesmo assim, existem muitas dúvidas sobre qual seria a função exata que os pequenos recipientes para óleo exerceram na Antigüidade. Sabemos que o óleo de oliva desempenhava um importante papel na vida e no comércio da Grécia antiga, conforme testemunham representações artísticas, textos antigos e investigações arqueológicas. Sabe-se também que eles formam a maior parte da cerâmica coríntia sobrevivente, além de terem sido amplamente disseminados, entre 720- 550 a.C., por todo o Mediterrâneo; época de predominância de Corinto na produção de cerâmica.

Figura 1 - Aríbalo globular do Pintor Evelyn.
(Museu Britânico de Londres (1969.
12-15.1) 700 a.C.³¹

É reconhecido que os gregos aprenderam com os orientais, mediante a importação assim como pelas suas próprias experiências, as técnicas de perfumar os óleos com essências florais; o que levou ao surgimento de uma ‘indústria cosmética’.

Quanto à atividade de Corinto no comércio de perfume, ela é continuamente apresentada como a melhor explicação sobre a sua especialização de longa duração nessas pequenas vasilhas para óleo.

BOARDMAN (1975), por exemplo, destaca que a cidade de Corinto, ao que tudo indica, foi uma grande exportadora de perfumes em vasilhinhos. O autor argumenta ainda que “para ajudar a vender seus conteúdos, estes frascos costumavam levar uma decoração complexa, ou serem moldados em formas incomuns ou chamativas”, o que fez com que “uma proporção muito grande das melhores pinturas feitas pelos artistas coríntios no ‘período proto-coríntio’ se encontrasse nesses vasos” (p.27).

Algumas fontes literárias do mundo clássico são extremamente importantes quanto à produção de perfumes: Teofrasto (*Historia Plantarum; De Odoribus*), do fim do séc. IV e começo do séc. III a.C., e Dioscorides (*De Materia Medica*) do séc. I d.C., fazem relatos das principais matérias primas (árvores, plantas e flores) utilizadas e relatam o processo de fabricação.

³¹ Com cenas de animais (pássaro, cão), caça a raposa e hoplita. Bibliografia: Amyx (1988), vol. 1, p.17 prancha 1 (6a-b).

Contudo, suas informações são muitas vezes ambíguas e incompreensíveis. Ademais, se Dioscorides descreve todo processo de manufatura, temos que lembrar que o seu relato faz referência ao primeiro século, não havendo nenhum testemunho anterior ao *séc VI a.C.*; época do estilo proto-coríntio.

Outro autor freqüentemente utilizado como fonte acerca do comércio de perfume na Antigüidade – escrevendo igualmente no primeiro século – é Plínio, o Velho. Em seu *Naturalis Historia*³², ele escreveu sobre o afamado óleo aromático de Corinto:

“O perfume de íris de Corinto foi extremamente popular durante um longo tempo, depois daquele de Cizico, do mesmo modo que o perfume de rosas de Faselis, mas esta distinção foi mais tarde tomada dela por Nápoles, Cápua e Palestrina”. (13.2)³³.

Plínio não cita quais seriam as fontes daquela cidade para um produto tão caro como o perfume, mas suspeita-se que este fosse importado do Levante, da Ásia Menor e, por fim, do Egito – todas áreas reputadas pela fabricação desse produto. Percebemos também que outra essência floral muito utilizada pelos gregos era a rosa.

RASMUSSEN (1991, p.66) salienta que Martin Robertson, tendo em vista essa suspeita, destacou a coincidência do novo estilo orientalizante surgindo exatamente em frascos com conteúdos orientais, cuja decoração poderia ser pensada como uma propaganda das substâncias exóticas lá transportadas. Dessa opinião compartilha ROEBUCK (1927), visto que não descartava a relação da decoração com os conteúdos, chegando mesmo a supor que algumas formas de

³² Tendo como principais fontes o Tratado de Teofrasto sobre os Odores, Dioscorides e os Apolíneos, o relato de Plínio se junta aos testemunhos de Marcial e Juvenal para narrar a crescente importância dos perfumes na vida romana. Nos primeiros 26 parágrafos – nos quais está incluído o comentário sobre Corinto – o autor continua a tratar dos perfumes compostos – feitos pelas misturas de diversas plantas – que ele começou a discorrer no Livro XII. Então o que vemos nesse início é apenas uma enumeração (catalogação) de nomes e produtos, com alguns esclarecimentos de ordem técnica.

³³ Essa tradução foi baseada na leitura do original em latim juntamente com as traduções em inglês, da Harvard University Press, e em francês, da Société d'édition 'Les Belles Lettres' (para mais detalhes ver a bibliografia). Gostaria de agradecer à minha colega Ivonete de Sousa que me ajudou na tradução.

vasos estariam diretamente ligadas a um tipo de vaso, ou seja, funcionariam como um ‘recipiente tipo’ de um produto.

No entanto, recentemente, o tratamento da larga distribuição das pequenas vasilhas como uma evidência clara do comércio de perfume foi duramente criticada por outros enfoques que tentam, se não afastar, pelo menos alargar aquela visão.

Sob essa nova perspectiva, encaixa-se a crítica aos que se apóiam em Plínio, o Velho, sem se perguntarem de onde ele tirou todas as suas informações sobre o óleo aromático coríntio. Mesmo assim, vale ressaltar, os comentários dele não podem ser descartados, porquanto os pequenos frascos insinuam claramente uma ligação entre Corinto e o comércio de perfume durante o período arcaico (PARKO, 2001, p.55).

RASMUSSEN (2000, p.77-78), ao mesmo tempo em que lembra que vários aríbalos com decoração floral, figurada e padronizada eram exportados e afirma que um número bem grande terminava em enterramentos, estranha a causa de sua compra em tão grande número. A função do óleo aromático na unção do corpo e para purificar o túmulo é bem conhecida; mas, a partir do momento, que em uma simples cova de um cemitério do séc. VI a.C em Ritsona, na Beócia, não foi estranho encontrar, entre um total de 297 objetos, 6 alabastros coríntios e 253 aríbalos globulares coríntios, o mérito artístico e os contextos funerários também têm que ser levados em conta.

Para PARKO (2001, p.59) os aríbalos recentes, encontrados naquele sítio, foram fabricados com propostas votivas, como podemos perceber em seus estilos muito uniformes para serem reusados; por serem em um número tão grande que impossibilitaria o preenchimento de perfume; e por terem tão pobre qualidade.

Por conseguinte, os achados em Ritsona, mostrariam que a pintura de vasos em centros como Corinto era uma indústria, nos levando a crer que provavelmente, ao redor do séc. VII a.C., houve uma mudança de perspectiva

com relação àquela cerâmica que levou o aspecto comercial a ser catalisado pelo religioso, assim como ocasionou a perda de espaço do perfume para a cerâmica. Vejamos isso mais detalhadamente.

No séc. VIII a.C., o novo estilo decorativo dos vasos, assim como o interesse pelo conteúdo deles, era o que atraía a atenção dos compradores. Os frascos para perfume, como destacado anteriormente, foram os mais exportados; fenômeno que acarretou ao estilo orientalizante ficar conhecido entre os comerciantes, abrindo dessa forma o mercado para outros vasos proto-coríntios.

Vale destacar que o estudo do comércio de óleo aromático concentra-se sobretudo sobre o aríbalo proto-coríntio, alabastro e o aríbalo globular – devido ao fato de serem os mais difundidos e formarem um contínuo cronológico valioso para o arqueólogo –, porém outros pequenos vasos – como ânforas e léцитos – eram produzidos simultaneamente. Na verdade, o grosso da massa de vasos exportados de Corinto não vinha dos frascos recipientes, mas constituía-se sobretudo de vasos para beber, como esquifos ou copos (Fig.2; catálogo 4.1.1:1 ver também vasos de imitação colonial 4.2.2 e 4.2.2).

Figura 2 - Esquifos. Museu de Antigüidade de Torino (n.º inv.3948). Fim do séc. VIII a.C.³⁴

³⁴ Com pontos decorados e filetes horizontais. Bibliografia: *Corpus Vasorum Antiquorum* Itália – Museu di Antichità di Torino, pg. 3, prancha 1.

Similares aos alabastros e aríbalos, os vasos plásticos³⁵ (Fig. 3 e Fig. 4; catálogo 4.1.3: 27 e 28) parecem ter contido perfumes também. “Seus pequenos tamanhos, pescoços estreitos, pequenos bocais que poderiam ser facilmente fechados sugerem que eles continham alguma substância preciosa que precisava ser protegida do ar” (Biers, Gerhardt & Braniff, 1994, p.4). As suas diferentes formas – variando desde animais como a pomba até figurações do mundo real e imaginário –, ao que tudo indica, ajudavam a realçar o valor do vaso e a alta qualidade do perfume ali carregado.

Não possuímos registros escritos dos conteúdos transportados, embora haja relatos de aromas fugazes quando alguns destes vasilhames selados eram abertos (BIERS, GERHARDT, BRANIFF, 1994; PAYNE, 1931 p.288 nº 486). Provavelmente eram idênticos a um óleo aromático conhecido como *muron* encontrado em alabastros do séc. V a.C.

A produção desses vasos é antiga, mas sua produção em larga escala começou a ser realizada apenas com a reintrodução do molde do oriente a partir do séc. VII a.C. Seus exemplares são encontrados principalmente em Corinto e na Grécia do Leste (em Rodes) e, em menor escala, em regiões da Etrúria, sul da Itália e da Sicília.

A fugacidade dos aromas exalados destes vasos quando abertos hoje em dia equivale à escassez de fontes literárias e representações de seu uso na Grécia antiga. Ao arqueólogo, restam os resultados tirados das escavações, os *comparanda* (observando-se as poucas representações de seu uso) e trabalhos de investigação com técnicas analíticas. Deste último, é importante o trabalho de Willian Biers que juntamente com uma vasta equipe conseguiu recuperar parte das essências do interior dos vasilhames utilizando métodos científicos.

Portanto, se a comprovação sobre o funcionamento de uma cerâmica como recipiente aromático às vezes pode ser tão evidente como o forte aroma de perfume exalado de um aríbalo, outras vezes, é necessário um conhecimento

³⁵ O nome destes vasos se originou da palavra grega *plastos*, que significa modelado.

profundo de certas técnicas científicas ou da forma de um frasco. Um bom exemplo disso temos no caso de um aríbalo de parede dupla, onde esta servia como um meio de diminuir o volume interno e proteger o valioso conteúdo do calor e da evaporação.

Mesmo assim o significado e a função dos vasos plásticos têm sido tema de muita controvérsia, como testemunham as diferentes hipóteses levantadas: para MAXIMOVA (1927, p.20), por exemplo, como muitos vasos são encontrados em tumbas eles provavelmente serviriam como oferenda de perfume ou estatuetas; para DUCAT (1966, p.71), eles refletiriam tendências da arte de cada época, como podemos verificar nas representações da cabeça do Minotauro e de Héracles (privilegiando-se temas heróicos e mitológicos) ou – quando a influência oriental expande-se – com as figurações de animais e estranhas criaturas misturadas; e, por fim, WALTER-KARYDI (1985, p.12-14) que – focando-se particularmente no cotidiano grego – afirma que os vasos plásticos têm inúmeros significados que formam um variado repertório iconográfico.

Figura 3- Vaso-plástico coríntio em forma de pássaro (Leiden, Rijksmuseum RO.III. 85) Protocoríntio recente³⁶.

³⁶ Ver Payne, 1931 p. 23 prancha 25: 3; Boardman (1998), p. 97, prancha 186

Figura 4- Vaso plástico em forma de coruja de Corintio (Museu do Louvre CA1737) Proto-coríntio recente ³⁷

A partir do séc.VII a.C., a situação começou a se transformar para os aríbalos. Se antes eles eram vendidos preenchidos com perfume, uma contínua perda de espaço do óleo perfumado no comércio fez com que a ênfase passasse para a cerâmica em si. Esse fenômeno, bem exemplificado no caso dos aríbalos globulares de Ritsona – que como vimos foram depositados em grandes quantidades, em túmulos únicos e dotados de um estilo muito uniforme e pobre para serem reusados –, demonstra que houve uma contínua especialização em vasos votivos por parte de Corinto.

Observando as diferenças e mudanças de interesse do homem grego antigo entre o perfume e o vaso, VALLET e VILLARD (1961) argumentam que as exportações de Corinto podiam compreender tanto vasos-recipientes (cujo conteúdo era o mais importante), como vasos-mercadorias (negociados por eles mesmos). Contudo, a cerâmica assumia o papel de maior destaque nas negociações entre os comerciantes daquela cidade quando queriam comprar o trigo das regiões ocidentais. Dois fatos, segundo os autores, reforçariam essa visão: em primeiro lugar, o aparecimento das pequenas divisões monetárias e das moedas de Pégaso se deu apenas ao redor de 560 a.C, momento pelo qual a

³⁷ Bibliografia: ver Payne(1931) p. 23 prancha 25: 1 e2; Boardman (1998), p. 97, prancha 185.

cerâmica de Corinto já tinha atravessado o seu auge, entre o fim do séc. VIII e durante todo o séc. VII a.C., declinando exatamente no segundo quarto do séc. VI a.C.³⁸; em segundo lugar, Corinto produziu belos vasos com decoração figurada e, ao mesmo tempo, uma massa de pequenos vasos com uma técnica excelente mas com desenhos estereotipados e esquemáticos (aríbalos ovóides decorados com frisos de cães em carreira, esquifos e copos com decoração linear). Assim, a falta de uma circulação monetária na época e a produção em série de vasos revelariam uma cerâmica que se transformou em moeda de troca nas negociações comerciais de Corinto.

Mesmo assim, de uma forma geral – “em um estudo mais próximo dos frascos para óleo, suas formas, motivos decorativos e contextos arqueológicos, comparado com evidência literária e arqueológica da Ática” – PARKO (2001, p.55), chegou à conclusão de que os frascos para óleo foram ganhando progressivamente um caráter mais ligado à religião, deixando de atuar exclusivamente para o transporte de perfume. Portanto, seguindo esta visão, creio valr a pena analisar como se deu a presença dos vasos de estilo proto-coríntios nos santuários e quais informações podemos obter destes locais sobre a produção e o comércio dessa cerâmica.

A estatística referente aos vasos para perfume e ungüentos encontrados em alguns desses locais, feita por KRISTENSEN (2001), revela dados bem relevantes. O autor, utilizando-se de uma vasta documentação material publicada sobre alguns santuários, fez uma análise quantitativa e qualitativa “sobre a distribuição, caráter e uso da cerâmica proto-coríntia” encontrada nesses locais (p.61).

³⁸ A importância comercial de Corinto (dotada de uma posição privilegiada com uma via de transporte para barcos conhecida desde o séc.VII a.C.) é frequentemente relacionada com o desenvolvimento de uma economia monetária que se desenvolveu na Grécia. Seguindo essa visão, economistas, como Ed Will (1955), propõem que a fabricação em série da cerâmica coríntia só foi possível no instante em que a moeda assumiu um papel relevante na produção e nas trocas (Vallet e Villard, 1961, p.314).

Sua relação dos santuários que poderiam concentrar as melhores informações se baseou em vários critérios, dos quais dois são os mais importantes:

- Santuários com publicações que permitissem avaliar as influências mútuas dos tipos de vasos proto-coríntios e comparar a cerâmica proto-coríntia com outras cerâmicas contemporâneas e
- Santuários distantes geograficamente.

Os santuários que se enquadraram nessa perspectiva foram: o Heraion em Argos, Peracora e Delos; de Atena em Egina; de Atena Lúndia em Rodes; e o Artemísion em Éfeso.

TABELA 1. Frequência da ocorrência de vasos de estilo proto-coríntio nos santuários examinados

Heraion em Peracora

1) Vasos para beber	Muitos milhares
2) Frascos para perfume e unguento	Vários milhares (enócoa cônica)
3) <i>Piixide</i>	230+ e 206 tampas
4) Garrafas	128+
5) <i>Kalathos</i>	86+
6) Discos e pratos	53+
7) <i>Phiale</i>	33+
8) Potes para armazenamento e mistura	21+

Heraion em Argos

1) Vasos para beber	Extremamente comum
2) Frascos para perfume e unguento	Muito comum
3) <i>Piixide</i>	Comum 1

4) Discos e pratos	Comum 2
5) <i>Kalathos</i>	Comum 3
6) Garrafas	Não comum

Atena em Egina

1) Frascos para perfume e unguento	169 (enócoa cônica)
2) Vasos para bebida	36
3) <i>Piixide</i>	7
4) Garrafas	2

Heraion em Delos

1) Frascos para perfume e unguento	42 (somente aríbalos e alabastros)

Atena Lúndia em Rodes

1) Frascos para perfume e unguento	156 (aríbalos)
2) Vasos para beber	17
3) <i>Piixide</i>	11
4) Garrafa	2

Artemísion em Éfeso

1) Frascos para perfume e unguento	82 (somente aríbalos)
2) Garrafas	6
3) Vasos para beber	3
4) <i>Piixide</i>	1

Segundo Kristensen, o sinal + após um número significa um número desconhecido de fragmentos que são mencionados mas não catalogados. Já os

parênteses indicam vasilhas para perfume ou unguento, predominante no santuário em questão.

No Heraion de Peracora e de Argos, por exemplo, a quantidade desses vasos fica em segundo plano, enquanto que nos santuários gregos orientais e na região das Cíclades notamos uma quantidade de aríbalos mais substancial. Ora, somado ao fato de que mesmo em Corinto não são encontrados frascos desse tipo, parece claro que o objetivo da fabricação daqueles vasos era a exportação.

Na tabela acima, embora haja apenas santuários onde divindades femininas eram cultuadas, quando comparados com santuários consagrados a divindades masculinas (Posêidon no Istmo e Apolo em Delfos e em Egina)³⁹, descobrimos que não existia um requerimento específico de um vaso proto-coríntio para esse ou aquele deus; além do que, contrariando uma visão que, durante muito tempo prevaleceu, e apontou os frascos para perfume como oferendas para divindades femininas, sabemos hoje em dia que isso não ocorreu; os vários frascos encontrados no santuário de Apolo em Delfos são um bom exemplo disso.

Kristensen conclui que era a localização geográfica de cada santuário, e não o deus cultuado, o fator determinante das formas de vaso adotadas. Ou seja, o tipo de vaso encontrado estaria diretamente relacionado com a variação do culto encontrada em cada local. Isso, além de explicar a relação entre divindade masculina e feminina com o vaso adotado, do mesmo modo ajuda a entender porque vasos deixados como oferendas para Hera no santuário de Peracora são diferentes daqueles do Heraion Argivo em Samos e, por qual motivo, os vasos do Heraion de Peracora são semelhantes àqueles do Santuário de Posêidon no Istmo. Vejamos isso mais detalhadamente.

³⁹ Como forma de preencher a ausência de santuários masculinos e estender a área geográfica, buscando dessa forma uma melhor comparação, Kristensen acrescentou em alguns momentos de sua análise: o santuário de Posêidon no Istmo, o de Deméter e Core em Corinto, o de Apolo em Egina e vários do Peloponeso, Ática, Cíclades, e santuários gregos orientais (para mais detalhes dos santuários escolhidos: KRISTENSEN, 2001, p.62, nota 3).

Os vasos poderiam ter duas principais funções nos santuários⁴⁰:

- oferendas votivas; entre elas as dedicatórias e
- vasos utilizados para práticas rituais.

Entrar em contato com uma entidade divina por meio da ‘doação’ – *giving* – é um costume antigo de se comunicar e agir com reverência aos deuses (BURKET, 1987, p.43). Uma forma indo-européia (dotêres eáon), que caracterizava os deuses como ‘doadores de boas coisas’, e o nome próprio Teodora (‘dado pelos deuses’), em Micenas, mostram bem essa antiga relação de reciprocidade entre homem-oferenda-deus. Da Grécia antiga, ainda podemos conseguir outros ótimos exemplos dessa relação: Príamo, declarando que “É justo dar aos deuses dons propícios” (*ILÍADA*, 24, 425 ss.), e Zeus, ao não admitir para Atena que tinha se esquecido de Odisseu, pois “ele se distingue de todos os homens e, mais do que todos, fez sacrifícios aos deuses eternos...” (*ODISSÉIA*, 1, 66-67 ss.)

Sendo um fenômeno caracteristicamente humano, não nos deve parecer estranho que expressões e conceitos, como os destacados acima, apareçam em locais tão diferentes quanto o Próximo Oriente semítico e a Anatólia.

Mesmo assim, embora sabendo que a doação aos deuses seja uma forma da prática religiosa universal, muitas vezes é difícil compreender como ela tem conseguido sobreviver por tantos séculos, tornando-se inclusive uma instituição sagrada.

As explicações mais simplistas ressaltam que o papel daqueles que souberam se beneficiar dela foi o principal mote para a sua consolidação. Logo, os religiosos nada mais seriam que uma verdadeira classe de profissionais que em um determinado meio econômico e social aproveitariam para tirar o seu

⁴⁰ Há um terceiro grupo que parece não ter tido nenhuma atuação na prática ritual. Podiam ser restos de vasos usados em aterros e fundações ou vasos trazidos por imigrantes e abandonados (KRISTENSEN, 2001, p.66).

sustento dos frutos advindos com o controle dos sistemas de doação (trocas comerciais etc.).

Ora, justamente na religião grega – tal qual em outras religiões antigas – não havia muitos religiosos profissionais, ou que possuíssem alguma forma de autoridade, em um contexto que não só oferecia as mais variadas honras (doações) aos deuses como também aos heróis e aos mortos.

Vários teóricos modernos vêm tentando lidar com a questão da fundamentação da doação (Horkheimer, Adorno, 1981; Durkheim, 1912; Bourdieu, 1972; Dawkins, 1976). Aqueles que utilizam um modelo freudiano – pensando a repressão como um pré-requisito da civilização – assumem que os presentes (*gifts*) representam um ato de renúncia pelo qual a sociedade civilizada evolui. Já outros pensadores oferecem uma perspectiva essencialmente econômica, no qual o ato de dar (oferecer, doar) se coloca como uma forma de investimento que origina o capital simbólico e que leva, conseqüentemente, à formação de uma rede de poder e dependência. No entanto, ambas as visões oferecem riscos para uma interpretação correta do fenômeno da doação: a primeira porque não deixa claro se trabalha com explicações objetivas ou elaborações hermenêuticas do séc. XIX; a segunda porque descreve a religião de uma forma sofisticada, utilizando um enfoque muitas vezes evolucionista da história (daí, talvez, termos como sociedade pré-capitalista sendo aplicado ao mundo antigo)

Uma outra forma de encarar o problema foi proposta por BURKERT (1987). Definindo-a como um olhar histórico-antropológico ele partiu da notável exclusividade humana no ato de dar (mesmo que visto singularmente nos primatas, é nestes tão aprimorado quanto nos homens), o autor chega a concluir que “o desenvolvimento de uma sociedade humana vai junto com as instituições de doação – o mesmo podendo ser dito para a interpretação da religião” (p.44).

Embora ele tenha ressaltado que no mundo animal o ‘dar’ não é desenvolvido como entre os seres humanos, o autor não o desconsidera

totalmente, comparando ambos. Burkert tem como objetivo assim identificar elementos básicos do sistema de doação que podem até ser percebidos nas oferendas gregas para os deuses e para os mortos: o medo de algo mais poderoso atacar os vivos, a relação de troca e reciprocidade etc.

Creio eu, que dentre todos os elementos presentes no contexto grego antigo, a piedade do devoto – “que faz o efeito de uma técnica comercial, que regula as trocas entre os deuses e os homens”, segundo Sócrates no diálogo Eutífron de Platão (14e)⁴¹ – era a que mais prevalecia, o que possibilitava ao vaso adquirir uma função simbólica ao ser ‘doado’ (ofertado) em um santuário.

De acordo com a pesquisa de KRISTENSEN (2001, p.66), frascos com objetivo de dedicatória só começaram a ocupar efetivamente os santuários estudados durante o período Coríntio. Aproxima-se dessa forma da visão de PARKO (2001, p.59), que localizou a especialização de Corinto na cerâmica votiva no séc VI a.C.

Mesmo quando DUGAS (1928), no seu estudo sobre o Heraion de Delos, notifica que garrafas, frascos e pratos tinham possuído função dedicatória (caracterizando-os como *show vases*), é necessário lembrar que ele se refere na realidade a uma cerâmica posterior ao proto-coríntio.

Isso fica ainda mais perceptível quando verificamos que, nos santuários estudados, a decoração policromática (presente em vasos como o Chigi⁴² e o aríbalo Macmillan⁴³; Figs. 5 e 6; catálogo 4.1.2: 20 e 19 respectivamente), marcada por usar uma decoração de alto padrão e que tinha como objetivo realçar a beleza dos vasos, não foi encontrada, pelo menos até o momento, em um mero fragmento.

⁴¹ O Eutífron faz parte dos diálogos socráticos e é um exemplo do método dialético de Sócrates. Eutífron vai comparecer frente uma corte para acusar o próprio pai e tem uma conversa com Sócrates que levanta a questão sobre o que é piedade para ele. Essa obra é considerada ter sido a forma de Platão defender Sócrates contra a acusação de ‘irreligião’, oportunidade que este não teve perante o tribunal.

⁴² Com cenas de batalha e caça. Bibliografia: *Corpus Vasorum Antiquorum*- Museo Nazionale di Villa Giulia fasc. 1, Itália fasc. I.

⁴³ Vaso de perfume com cabeça de leão e cenas de guerreiros. Bibliografia : Boardman, 1998 e Amyx,D.A., 1988 (V.1 e V.3; prancha 11: 1a- b).

Figura 5 - Vaso Chigi 640 a.C.
(Roma, Vila Giulia
226979)

Figura 6 - Vaso MacMillan 650
a.C., de Tebas
(Londres, British
Museum, 1889. 4-
18.1)

Da mesma forma, vasos com decoração mais explícita, isto é, cenas narrativas ou referências a práticas de culto, são extremamente raros nos locais analisados. Para KRISTENSEN (2001, p.66) isso é um claro sinal de “que o significado da maior parte dos vasos proto-coríntios deriva de sua função e não de sua decoração”. Logo, os vasos dedicatórios não estariam vazios quando levados a um santuário, pois, tudo leva a crer que o conteúdo deles é que teria importância votiva.

No entanto KRISTENSEN (2001, p.66), continuando a investigar a presença da cerâmica proto-coríntia por meio das publicações dos santuários citados anteriormente, lembra que se os pequenos frascos para óleo ganhavam importância votiva, a grande maioria dos vasos proto-coríntios teve muito mais uma utilidade prática dentro dos santuários: cerimônias de purificação, libações e banquetes rituais.

Dentre os vasos para uso prático – aqueles utilizados para banquetes rituais, foram encontrados predominantemente no Heraion de Peracora e no Heraion Argivo. Segundo Kristensen, o material trabalhado não foi tão amplo que permite concluir que no período proto-coríntio banquetes rituais só ocorressem em território grego, mas é possível ao menos supor a sua realização mais em alguns locais do que em outros.

Tendo em mente, por fim, que a função da cerâmica proto-coríntia nos santuários pode variar desde a oferta do óleo ou do próprio vaso para uma divindade qualquer, até sua utilização para um serviço religioso prático, fica delimitado um quadro de análise dessa cerâmica na esfera religiosa.

Entender se um vaso foi vendido (vaso-mercadoria), se ofertado em um santuário, se serviu para o transporte de um certo gênero a ser comercializado (vaso-recipiente), ou se ofertado em um santuário, coloca-nos em contato com várias questões sobre as trocas comerciais e, no caso específico aqui, sobre o fluxo religioso. Com relação à cerâmica proto-coríntia, sabemos hoje que os ex-votos podiam ter vindo juntos a um certo santuário com o habitante de origem do ex-voto (mais precisamente Corinto), ou ainda, mediante outro habitante de uma cidade grega para onde Corinto exportasse⁴⁴.

Ao final, somos obrigados a admitir que a problemática da destinação se impõe. Várias discussões – sobre a produção de perfumes ou não por Corinto com plantas importadas, se essa cidade enviava os vasos para as colônias para somente lá serem preenchidos etc. – são travadas continuamente por vários arqueólogos (Beaumont, 1936, p.184-185; Dunbabin, 1948, p.117-118; Roebuck, 1972, p.116-118). Contudo, no momento atual da pesquisa, “é...impossível supor a escala da exportação e/ou produção do perfume em Corinto” (SALMON, 1984, p.118).

⁴⁴ Informação pessoal de Haiganuch Sarian.

2.3 Os Vasos Proto-Coríntios e seus Principais Pesquisadores

Se desde a antiguidade a cidade de Corinto vem atraindo a atenção dos pesquisadores (como expressado por Pausânias em seu livro II de sua descrição da Grécia), foi apenas a partir de 1892, com a publicação do livro *Die Altkorintische Thonindustrie* de Hans Wilisch, que os vasos proto-coríntios passaram a ser continuamente estudados. Johansen, em 1923, é o segundo autor mais antigo a trabalhar com estes vasos.

Mas, foi Humfrey Payne, com seu livro *Necrocorinthia* (1931), a dar um verdadeiro impulso nessa área de estudo. Mesmo que sua obra careça do conhecimento estilístico mais apurado – como ele próprio chega a perceber –, não possuindo a elaboração de índices que Beazley criou e que se tornaram ferramenta de trabalho extremamente importante no estudo da cerâmica, não há dúvida que seu estudo de pintores de vasos e o reconhecimento de subdivisões estilísticas são um marco. Vale lembrar que tanto Johansen quanto Payne foram, como visto no relatório anterior, os iniciadores do estudo sobre cronologia do proto-coríntio.

Em 1949, Hopper publicou a obra *Addenda to Necrocorinthia* como forma de acrescentar alguns vasos não analisados por Payne – pois não eram conhecidos ainda na época da publicação desse autor – e acrescentou dados sobre produção estilística. Por considerar a cronologia de Payne muito ambígua, sua reavaliação contribuiu para a elaboração de uma tabela cronológica mais viável.

De 1953 em diante, outros importantes autores surgiram:

Benson: classificou as principais características dos pintores e grupos até então conhecidos, fornecendo ainda um estudo próprio sobre novos pintores e grupos.

Martin Robertson e T. J. Dunbabin: pesquisaram os vários estilos de pintores estabelecendo uma sequência cronológica e comparando-os.

Mas a falta de um índice ainda impedia o verdadeiro desenvolvimento da pesquisa. O estudo de Benson, por exemplo, embora seguisse a forma apresentada por Beazley não passava ainda de uma mera lista de atribuições.

Visando sanar essa dificuldade, D. A. Amyx criou o que ele denominou um 'índice de coleções feito em casa', baseado nos dados fornecidos pelos autores até então.

Sob essa metodologia de trabalho, encaixa-se a minha pesquisa. Ao lidar com o *corpus* documental, objetivando a sua ampliação, vejo que apenas com a clara e correta identificação da cerâmica pesquisada (inventário do museu, atribuição a um pintor, matéria-prima etc.) é possível traçar um plano de estudo eficaz.

Vários outros autores recentemente têm surgido com discussões especializadas e estudos sobre determinados pintores, enriquecendo o conhecimento sobre a pintura Coríntia. Cito sumariamente dois que se destacam e que vem sendo utilizados em minha pesquisa:

Willian Biers: esse autor coordena um grupo de pesquisa nos EUA que, percebendo a escassez de fontes antigas sobre o comércio de perfumes se utiliza de técnicas analíticas modernas para identificar os componentes aromáticos no interior dos recipientes.

J. G. Szilágy: importante estudioso húngaro que tem como objeto de estudo o estilo etrusco-coríntio. Suas discussões sobre vasos plásticos e sua produção, mesmo não sendo tão aprofundados, têm contribuído para a compreensão de sua produção na Etrúria.

Por fim, não podemos deixar de lembrar os vários catálogos de coleções, de colecionadores e de exposições, que sempre renovam os dados sobre a iconografia proto-coríntia: entre eles alguns fascículos do *Corpus Vasorum Antiquorum* (mencionados no meu catálogo); Münzen and Medailen (Basel); Arte Antique (Geneva, 1975).

3 O DESENVOLVIMENTO DO ESTILO PROTO-CORÍNTIO

Um aspecto fundamental da sociedade é a cultura material: uma outra premissa é que qualquer interpretação histórica que falhe em levar em conta a dimensão material da sociedade é inadequada. Mercadorias e artefatos não são apenas fontes ou expressões de relações sociais, mas ativamente ajudam a sociedade a fazer o que ela é; cultura material é ativa (SHANKS, 2004, p.3)

3.1 Corinto e o Período Orientalizante

Em capítulos anteriores, havia destacado que para muitos autores o período localizado entre os sécs. XVIII e XI a.C. ficara conhecido como um ‘período obscuro’. Apenas, após décadas de discussão, foi reconhecido que ao longo daquele período um grande processo transformador (nos aspectos econômico, religioso e político) havia colaborado para a construção do que ficou conhecido bem mais tarde como a Grécia Clássica.

Outro ponto importante que tomou conta dos debates em estudos clássicos foi a discussão sobre as reais dimensões do impacto sofrido em toda a Grécia Arcaica pelo Próximo Oriente.

Tal impacto foi evidenciado por meio do resultado de várias escavações, onde foram encontrados objetos importados ou ainda, como já citado em parágrafos anteriores, pela identificação de traços indubitavelmente orientais em motivos artísticos gregos.

Uma verdadeira repulsa a um período dito orientalizante tomou conta inicialmente dos principais debates sobre o assunto. Como exemplo desse enfoque, temos a forte tendência encontrada entre os pesquisadores do séc. XIX de situar a datação do surgimento da escrita na Grécia em um período bem

anterior a Homero, com o claro objetivo de afastar da época homérica qualquer influência vinda do oriente.

Na realidade, o que havia era uma tentativa originada entre pesquisadores alemães românticos em colocar o surgimento ‘milagroso’ do helenismo em total isolamento, ou seja, sem a influência de fenômenos externos. Ora, no contexto de análise existente dentro de muitas atmosferas intelectuais do séc. XIX – época do nacionalismo romântico –, questões como ‘origens’ e ‘desenvolvimento orgânico’ permeavam todas as discussões, ficando afastado qualquer outro enfoque que privilegiasse a formação e construção nacional por meio do intercâmbio cultural.

Mesmo após o deciframento da escrita cuneiforme mesopotâmica e das escavações já no séc. XIX, a argumentação e as evidências em favor de um período orientalizante enfrentavam dificuldades em adentrar o universo intelectual-científico. Isso acontecia principalmente porque enfoques extremamente anti-semitas permeavam toda e qualquer discussão sobre o assunto, o que levava o significado da influência semítica a ser reduzida a nada (BURKERT, 1995, p.3).

Contudo, em anos recentes, muitas escavações têm trazido à tona a influência do Oriente semítico na construção da cultura grega⁴⁵.

Os pesquisadores reconhecem que ao redor do ano de 1200 a.C. toda a região, que vai da Grécia, passando pela Anatólia e chegando até a região da Síria e Palestina, teve seus reinos e culturas desaparecidos devido ao ataque de ‘povos do mar’. Na realidade, várias peças encontradas na Grécia atestam que o comércio nunca cessou em sua totalidade.

Já a partir do séc. IX a.C., os contatos com o Oriente aumentaram significativamente devido a dois novos elementos histórico-sociais:

- 1) A expansão da Assíria em busca de matérias-primas e que ajudou a dinamização dos contatos entre os povos orientais e ocidentais;

⁴⁵ Colônias gregas descobertas na Síria e em Ischia (ilha vulcânica da Itália)

- 2) A expansão colonial grega que ajudou a estabelecer o contato entre mercadores gregos e diversas regiões orientais como Al Mina, Tell Tainata, entre outras.

Muitas vezes, a expansão grega e assíria se entrecruzaram, provocando choques. Porém, os incidentes eram resolvidos criativamente pelos mercadores “talvez porque novas redes de refugiados estivessem unidas com os comerciantes” (BURKERT, 1996, p.13). Sendo assim, o tráfego comercial entre as regiões orientais e ocidentais continuou em uso, conforme atestam por exemplo produtos e vestígios arqueológicos orientais encontrados em grande número por toda a Grécia e Etrúria. Também o estilo figurativo, como veremos, evidencia uma apropriação e assimilação da arte oriental.

Nesse contexto em que contínuas trocas comerciais, fluxo de pessoas e intercâmbio cultural faziam parte da rotina diária de toda a Grécia, o posicionamento geográfico era um fator importantíssimo para o desenvolvimento de qualquer cidade.

Ora, Corinto, localizada a 3km do porto de Lecaion, era uma área altamente estratégica, pois detinha o controle do tráfego norte e sul grego por meio de um estreito istmo que distava cerca de 10km. Essa passagem, por exemplo, permitia a Corinto extrair lucros por meio de taxas vindas das embarcações que, fugindo da passagem mais tempestuosa do sul do continente grego, usavam um sistema de transporte de navios (Diolkos)⁴⁶.

⁴⁶ Tal transporte tanto poderia ser realizado por meio da transferência da carga das embarcações que lá chegavam para outras localizadas do outro lado como também, caso fossem pequenas, por meio de um sistema de transposição de águas que dragava os barcos para o outro lado.

Mapa 1: Corinto e o Istmo

Muitas vezes são levantadas críticas sobre o real papel que a localização teve para o desenvolvimento de Corinto e que, muitas vezes, são destacadas por autores antigos, visto que, por exemplo, a passagem através do Istmo por terra não era um feito tão fácil. A importância desse local só aconteceu realmente com o desenvolvimento comercial marítimo (SALMON, 1984, p.133).

Porque os coríntios tinham sua cidade localizada no Istmo eles sempre tiveram um mercado. Nos tempos antigos os gregos viajavam através de Corinto para fazer contato um com o outro preferivelmente por terra dentro e fora do Peloponeso do que por mar, e os coríntios ficaram poderosos, conforme é mostrado pelos antigos poetas; pois eles a chamavam de rica. Quando os gregos se voltaram mais ao mar, os coríntios adquiriram uma frota e sufocaram a pirataria; eles forneceram um mercado de ambos os tipos e fizeram a sua cidade poderosa pelas rendas que eles ganharam (TUCÍDIDES 1, 13.5)

Um outro problema freqüentemente enfrentado pelos estudiosos quando vão analisar economicamente o desenvolvimento comercial de Corinto, e que comumente dificulta os trabalhos daqueles que estudam o período Arcaico, é a falta de estatísticas e/ou interesses dos autores antigos em aspectos econômicos.

Mesmo quando existem, são muito gerais e isolados para poderem ser utilizados pelo pesquisador (SHANKS, 2004, p.81).

Porém, essa escassez de evidências estatísticas não é um motivo para abandonarmos uma reflexão sobre o papel econômico de Corinto durante o período arcaico. Autores como Homero (*Ilíada* 2,570), Tucídides (1.13.15) e Heródoto (3.52) destacaram o caráter rico e comercial dessa cidade.

Talvez o instrumento mais eficaz para o entendimento de como funcionava a economia em Corinto seja a cerâmica.

Tendo sido produzida em larga escala, podemos por meio dela compreender e traçar a extensão das relações comerciais. Cook (1959), no entanto, lembra que não podemos superestimar sua importância, pois se em Atenas, segundo o seu cálculo, havia 500 homens na produção de cerâmica, em Corinto, esse número deveria ser a metade. O mesmo pesquisador ressalta ainda que compreender o grande número de vasos encontrados como evidência clara de comércio de Corinto é um erro, visto que só podemos considerá-los dessa forma quando sua proveniência de Corinto é atestada.

Por fim, apesar de todas as dificuldades encontradas até o momento, algumas conclusões podem ser tiradas:

- 1) Corinto, cidade pungente no período arcaico, pôde expandir todo o seu poder comercial e colonizador no Mediterrâneo;
- 2) A cerâmica coríntia (proto-coríntio orientalizante), encontrada em pontos tão longínquos como o mar Negro, Espanha e Egito, sugere uma grande influência e o alcance daquela cidade;
- 3) Devido à sua pujança econômica, o que lhe permitiu a sua precoce consolidação frente a outras cidades gregas, Corinto foi a primeira a realizar e experimentar o estilo orientalizante.

Mapa 2: Grécia durante o período arcaico

3.2 *Proto-Coríntio Geométrico e Proto-Coríntio Antigo*

Os três primeiros exemplares descritos em meu catálogo⁴⁷ refletem muito bem o estilo conhecido como Geométrico Linear ou Geométrico proto-coríntio. Sua decoração se caracterizava principalmente por se localizar no entorno das alças, tal como em um esquivo de Corinto do Museu de Toronto⁴⁸ (Fig. 7; catálogo 4.1.1:2):

⁴⁷ Para facilitar a leitura, coloco os vasos que comporão o *corpus* documental final e parte dos *comparanda* realizados ao longo do texto. Em todo caso, ver o catálogo final para mais dados sobre os *comparanda* já realizados.

⁴⁸ Há um vaso semelhante e em melhor estado no museu de Corinto CP.865. Bibliografia: Cook (1970), prancha 8^A.

Figura7 – Esquifos de Corinto.
(Museu de Corinto: sem
referência)⁴⁹. Período
geométrico

Contudo, como verificamos nos exemplares apresentados no meu catálogo (4.1.1: 1, 2 e 3) faixas estreitas estendidas até a base – alternando-se entre pintadas e reservadas –, faixas no pescoço, além de rodeios de sombreamento eram muito valorizados. Outro vaso descrito por Payne também nos mostra isso (Fig. 8):

Figura 8 – Esquifos proveniente de Delfos do
museu de Corinto (sem número de
inventário)Período geométrico

O único trabalho figurado que podemos eventualmente encontrar nesse estilo são pássaros pintados com múltiplas pinceladas e em pares separados como os encontrados na kotile abaixo (Fig.9; catálogo 4.1.1: 10).

⁴⁹ Muitos autores não colocavam o número de registro do vaso. É o casos desta cerâmica, da qual nós só possuímos o nome do Museu onde se encontra.

Figura 9 - Kotyle Geométrica (Museu de Atenas; N.M. 14476) Altura: 6,7 cm. Final do Séc. IX

Se a kotile fez a sua aparição nessa época, outras formas de vaso como a énocoa e a enócoa cônica continuam a ser bem valorizadas. Outras que também foram muitos populares eram a cratera, a píxide e os pratos.

Uma classe de cerâmica que também teve muito destaque no período – sendo colocada continuamente entre a cerâmica coríntia geométrica –, teve seu nome inspirado em um sítio da Sicília onde vários exemplares surgiram: Tapsos (Fig.10; catálogo 4.1.1: 11). Para Boardman, embora as suas formas como copos, enócoas e crateras sejam coríntias e a sua argila pareça de Corinto, fica claro que essa classe se aproxima muito mais da cerâmica ática; não tendo sido encontrado na própria cidade de Corinto uma grande quantidade de mercadorias desse estilo.

Ora, basta olhar para seus desenhos para detectarmos algumas diferenças fundamentais: decoração com navios e espirais (desconhecido durante o geométrico recente em Corinto) e meandros (existentes em muito menor escala na Corinto daquela época), etc.

Figura 10 - Cratera do grupo Tapsos proveniente de Tebas (Toronto, Royal Ontario Museum; 919.5.18). Proto-coríntio geométrico

Como já destacado em capítulos anteriores, Corinto foi a cidade que teve a primazia na (re)aquisição de elementos orientais, ou se preferir, nas palavras de COOK (1997, p.25), “foi a primeira cidade a avançar para além dos princípios geométricos”. Vejamos isso mais detalhadamente.

Se entre os orientais a arte na cerâmica pintada era em boa parte ignorada, por outro lado na Grécia arcaica ela adquiriu uma grande importância. Na realidade se os gregos notavam na escultura e nos desenhos orientais uma arte convencional, ela era com certeza bem mais realista do que aquela encontrada em seu próprio período geométrico.

Características gerais acerca dos resultados do encontro entre gregos e orientais podem ser apontadas – personagens sempre representados de face ou de perfil, maior cuidado com as variações anatômicas do corpo humano e animal e o trabalho com motivos florais são bons exemplos disso –, contudo o que chama mais atenção é a variação de sua recepção por toda a Grécia (BOARDMAN, 1989, p.41).

Especificamente no caso de Corinto o que notamos é que essa cidade foi altamente receptiva aos estilos novos de figuras e aos frisos florais, procurando, contudo sempre adaptá-los. Essa fácil assimilação de elementos orientais teoricamente iria contra a falta de inclinação ao figurativo durante o

período geométrico, quando as figuras eram limitadas, aparecendo apenas casualmente como já destacado, pássaros e outros elementos figurativos. Também contraria o Geométrico ático que dotado de um repertório figurativo variado chegou a presenciar uma quantidade enorme de figuras em seu último estágio. Ora, foi exatamente essa falta de tradição figurativa que permitiu uma boa disposição para a assimilação e adaptação de elementos orientais por Corinto.

No entanto, lembra Amyx (1988, vol. 2, p.75), haveria outros fatores determinantes. Um deles seria o desejo dos artistas e artesãos coríntios de saírem à procura de novos “caminhos artísticos”; vontade essa refletida também entre os comerciantes e colonos na sua busca de novas rotas e terras. Outro fator importante, que não deve ser abandonado, é que as mãos que modelavam e pintavam os vasos eram suficientemente habilidosas para acrescentarem novos componentes artísticos.

Sabemos que a silhueta geométrica não era capaz de destacar e detalhar com precisão partes anatômicas dos corpos de animais e seres humanos como, por exemplo, olhos, músculos, crinas e cabeleiras. Esse ímpeto para o detalhamento veio com a aquisição das novas formas artísticas, levando conseqüentemente ao surgimento de figuras curvilíneas e de uma nova técnica de desenho em contorno (apreendida da técnica de incisão em metal), por meio da qual os personagens, se ainda traçados em silhueta, começaram a ser gravados com finas incisões que deixavam à mostra a palidez da argila (AMYX, 1988; BOARDMAN, 1989).

Um bom exemplo da nova técnica nós encontramos nos frascos para perfume do proto-coríntio antigo, cujas figuras passam a ser feitas parcialmente ou totalmente dessa maneira; daí a sua denominação de Primeiro Grupo e Segundo Grupo em contorno (First and Second Outline Group, segundo a classificação de Amyx). É o caso, por exemplo, do aríbalo globular 4.1.1: 4. Outro exemplo é o aríbalo proveniente de Cumas (4.1.1; 5) com as suas figuras

de peixe, pássaro e um galo (que pela primeira vez passa a fazer parte do repertório figurativo da arte grega), e os seus vários ornamentos convencionais que juntamente com os motivos vegetais, ganham espaço.

Seguindo essa mesma tendência para o trabalho figurativo e a técnica de incisão, há um outro ótimo exemplar no museu de artes de Boston: um pequeno aríbalo com pássaros e pétalas de rosas (Fig.11; catálogo 4.1.1: 8):

Figura11 – Aríbalo (Boston 03.810: F391). Proto-coríntio antigo

Conjuntamente, quadrúpedes são igualmente introduzidos: bode, corças e cervos, com seus corpos feitos em silhueta com áreas reservadas na cabeça e no pescoço. O friso de um cão acossando uma lebre mostra um dos motivos que veio a tornar-se um dos mais célebres na pintura de vaso proto-coríntia (Fig.12; catálogo 4.1.1: 9):

Figura 12 - Aríbalo de Siracusa
(Siracusa; de Fusco
Gr. 19) Proto-
coríntio antigo

Esse desenvolvimento do artista já se faz notar em vasos como o do conhecido Evelyn Painter (4.1.1: 4) em que o artista experimenta incisões, conseguindo realizar elaboradas cenas como a de um hoplita e a de um homem sentado em cavalo.

Além de receber as inovações figurativas do período o aríbalo foi o primeiro vaso grego a introduzir a forma globular com lábio estreito; influenciado provavelmente por frascos orientais de pescoço longo e estreito amplamente utilizados para o comércio de óleo perfumado (ver catálogo 4.1.2: 5,6,7,8 e 9).

Segundo Coldstream, os aríbalos tiveram a sua origem no início do proto-coríntio geométrico, caindo em desuso no fim desse mesmo período para voltar a ser largamente manufaturado durante o proto-coríntio antigo (COLSTREAM, GGP, p.106).

Inicialmente acreditava-se que o aríbalo veio de Creta para o continente grego, pois as semelhanças de forma com a cerâmica daquela região eram enormes (PAYNE, 1931, p.4-7). No entanto, autores como Weinberg e Dunbabin (ver Abreviaturas de Catálogo: Weinberg, *Corinth VII*, p.15,18 22f; Dunbabin, *Perachora II*, pgs. 9-11) e Lawrence (*Hesperia*, 33 (1964), p.90

prancha 17, nº M-2) colocam a sua origem na cidade de Corinto visto que haveria claros indícios de protótipos geométricos ligados àqueles vasos globulares achatados da cerâmica proto-coríntia.

Quanto ao vaso plástico MacMillan, que incluí inicialmente como um exemplar do proto-coríntio antigo, ele será analisado no capítulo seguinte, visando situá-lo no período artístico a que ele verdadeiramente corresponde.

Vale lembrar que os gregos ocidentais também exibiam a arte de suas escolas nessa época, como podemos notar através de exemplares vindos de Cumas onde o artista ao copiar a cerâmica de Corinto procurava imitar, com máxima precisão, a argila plácida com o uso de um material cremoso (vasos 4.1.1: 5-8) ou ainda através da assimilação do traçado geométrico (vasos 4.2.1).

3.3 Proto-Coríntio Médio

Com a criação da técnica de figuras negras, houve um grande avanço entre as escolas de pintura de cerâmica. “Esta técnica consistia em fazer primeiramente uma silhueta da figura escolhida, e depois gravar os detalhes com uma ponta dura; isso era feito, certamente, antes que o pote fosse queimado e enquanto a superfície estivesse ainda amolecida” (COOK, 1997, p.48).

O estilo de figuras-pretas permitia uma maior atenção nos detalhes do que o desenvolvimento da técnica em contorno. A soma de uma incisão de cor (púrpura e branca) possibilitou o surgimento de um estilo com ênfase na delicadeza dos contornos.

O aríbalo abaixo é desenhado segundo essa nova técnica (Fig.13; 4.1.2: 17). No ombro, flores de lótus e volutas não são desenhadas na técnica de contorno (deixadas somente para os contornos subsidiários), mas as duas esfinges confrontadas são desenhadas na técnica de figura-negra. Logo, elementos

orientais presentes na cerâmica como a esfinge e as rosetas de preenchimento não eram meramente assimilados, mas adaptadas ao receituário grego.

Figura 13 - Aríbalo proto-coríntio do Museum of Fine arts, Boston (nº inventário: 95.13)
Proto-coríntio médio

Conforme testemunham as cenas do Pintor de Caçadores (catálogo 4.1.2: 14) a técnica apurava-se cada vez mais. As suas cenas “podiam ser generalizadas mas, há muito mais gestos e posturas individuais imaginativas nas figuras e elas interagem mais naturalmente do que no Geométrico” (BOARDMAN, 1998, p.86). Os animais ganham vida nas representações artísticas e os ornamentos são cuidadosamente inseridos nas cenas permitindo ao estilo proto-coríntio em pequenos frascos ser presenciado em toda a sua beleza.

Ao mesmo tempo em que notamos que estes pequenos vasos capturavam em suas superfícies todo um imaginário orientalizante é possível verificar que sua forma também se modificava. Se antes o bojo era globular, um contínuo processo de afinação do seu corpo o levou a ter um formato ovóide

Com a aquisição da técnica os pintores passam a possuir os instrumentos necessários para narrar a sua mitologia e história não apenas nos pequenos vasos como também sobre aqueles de maiores dimensões.

Este é o caso do vaso Chigi (Fig. 5; catálogo 4.1.2:20), que ao que tudo indica é o mais antigo exemplar da garrafa de vinho conhecida como olpe. É importante destacar que a origem dessa forma até hoje é obscura. Payne, por exemplo, chegou a propor que os elementos da forma da olpe são semelhantes àqueles encontrados em exemplares gregos orientais sendo por isso ao especialista afirmar que “provavelmente (ela) veio para Corinto pela Grécia oriental” (PAYNE, 1931, p.299). Quanto ao seu antigo uso, poderia corresponder na realidade aos pequenos vasos usados para carregar perfume; isto é os aríbalos (AMYX, 1988, p.488-489; SPARKLES 1991, p.63).

Além de divergir sobre a proveniência da olpe outra questão que ocupa os debates entre especialistas é discussão sobre a sua data de origem. O vaso Chigi é o caso típico desses embates, pois BOARDMAN (1998, p.63), por exemplo, localiza o vaso no fim do Proto-Coríntio médio. Enquanto isso PAYNE (1933, p.23), SIMON (1981, p.50) e AMYX (1988, p.369) o datam no Proto-Coríntio recente. DUCATI (1927, p.70) preferiu o séc. VI a.C. Apesar de toda a controvérsia ela deve se localizar entre o Proto-Coríntio médio II e o Proto-Coríntio recente, ou seja, entre 650 e 640 a.C.

Embora este vaso fosse maior que um aríbalo (26 cm) o artista habituado com o estilo miniaturista não enfrentaria problemas em trabalhar com esta cerâmica. Suas belas cenas narrativas foram durante muito tempo incompreendidas, chegando-se a supor que as cenas lá representadas (caçada, Julgamento de Páris, hoplitas em combate e cavaleiros) não teriam relação uma com a outra. Hoje em dia esta visão é revista por Jeffrey M. Hurwit (2002). Elas compreendem como sendo parte de uma unidade temática “que se foca sobre os estágios da maturação do homem de Corinto e a interpenetração do cotidiano, o exótico, o heróico, e o divino na vida dos mortais” (p.1). Este seu pensamento faz

parte da corrente que busca pesquisar a unidade temática nos vasos e que acredita que o ceramista arcaico como também o clássico poderiam enfocar a sua tarefa com certos programas e mensagens em mente, que há sempre uma correlação entre o sujeito e o vaso, e que a particular combinação de cenas sobre um vaso poderia ter um valor paradigmático” (p.2).

Vale lembrar que habitualmente os desenhos representados na olpe eram animais. A olpe Chigi foi na realidade uma exceção com as suas representações humanas. Basta ver outros exemplares dessa época (catálogo 4.1.2: 22) assim como os posteriores durante o Proto-Coríntio Recente (catálogo 4.1.3: 26).

O vaso MacMillan do Museu Britânico (Fig. 6; 4.1.2: 19), antes apresentado erroneamente em meu catálogo como sendo do Proto-Coríntio Antigo⁵⁰, vem das mãos do mesmo artista conforme podemos perceber na eficiência da sua técnica narrativa em um estilo que prefere a decoração em pequena escala. O mesmo artista pintou uma olpe de Egina, um aríbalo em Berlin e, provavelmente, a enócoa de Erithrai.⁵¹

Além desta cerâmica, é importante destacar, o pintor de Chigi é reconhecido como o principal personagem em um pequeno grupo de pintores de vaso especializados na policromia no meio do séc. VII a.C. e que ficou conhecido como o Grupo Chigi (HURWIT, 2002).

Outros trabalhos completam a tradição de pintura em estilo Magnífico nos aríbalos. Dentre estes destaca-se o pintor de Boston (Fig.14; catálogo 4.1.2: 15), onde o artista utiliza elementos florais complexos no seu ombro, fenômeno atestado em vários outros exemplares do período.

⁵⁰ Mudei sua posição no catálogo para 3.1.2: 11.

⁵¹ Esta olpe está fragmentada e tem cenas similares de combate, caça e homens calvando, o que é um sinal de sua proveniência ou do círculo do Pintor Chigi ou de suas próprias mãos (Akurgal, 1992, p.84; Hurwit, 2002, p.7-8).

Figura 14 - Aríbalo ovóide
(Corinto,F397)
Proto-coríntio
médio, estilo
Magnífico

3.4 Proto-Coríntio Recente

Contudo o que o novo período apresentou não foi, como poderíamos supor, o desenvolvimento de uma nova técnica de desenho em vasos. Segundo Boardman, a perda de vida e originalidade era progressiva como atestam os desenhos afetados, os animais que não interagem apenas voltando as suas faces uns aos outros sem demonstrar a menor expressão além da decoração de preenchimento que passa a ser quase que somente de pontos circulares (BOARDMAN,1998, p.87). Vemos muito mais uma decoração que se limitava a representar animais em frisos (Fig.15), onde muitas vezes nem o uso de incisão era utilizado para realçar a sua beleza.

Por outro lado, Amyx destaca que realmente a decoração dos vasos nem sempre eram bem elaborados, mas é possível verificar uma maior ambição dos frisos animais. Alguns artistas destacaram-se, entre eles o Head-in-air Painter (catálogo 4.1.2: 18) que nitidamente reservava um cuidado acurado para com seus animais.

Novidade mais nítida verificamos entre alguns vasos pintados totalmente de preto, onde ocasionalmente figuras poderiam ser colocadas quando não se escolhia uma decoração em vermelho, amarelo e branco (Fig. 17; catálogo 4.1.3: 6).

Figura 17 - Olpe fragmentada
(Malibu; n° 86.
AE. 39) Proto-
coríntio recente

Outra característica marcante desse período foi o surgimento dos vasos em forma de animais, também conhecidos como vasos plásticos. Vários animais chegaram a ser representados através de suas formas, entre eles pássaros (Fig.3; catálogo 4.1.3: 27) e corujas (Fig.4; catálogo 4.1.3: 28). Tal como os aríbalos os vasos em forma de animais também eram utilizados para o transporte de perfume.

Por fim vale destacar que o aríbalo atingiu o seu desenvolvimento final nessa época tornando-se ‘piriforme’. Estava completo o desenvolvimento da forma daquela cerâmica, identificado por Johansen e aprimorado por Dunbabin:

TABELA 3

Corpo	Globular	Ovóide	Piriforme
bocal	pequeno	amplo	grande
pescoço	curto e estreito	grande e estreito	grande
pé	largo	estreito	estreito
alça	fina	ampla	ampla

A mudança da forma é tão explícita que podemos traçar minuciosamente o seu desenvolvimento (NEEFT, 1987, p.33):

- afilamento do corpo
- redução do tamanho do pé
- aumento do tamanho do bocal
- aumento da altura do pescoço
- aumento da largura da alça

4 CORPUS DOCUMENTAL

ABREVIATURAS DO CATÁLOGO

ABSA: Annual of the British School at Athens. London, Institute of Classical Studies.

AJA: American Journal of Archaeology. New York, Archaeol. Inst. Of America.

Amyx, 1988: AMYX, A.H. *Corinthian vase-painting of the archaic period* (vols. I, II e III). Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1988.

ArchClass: Archeologia Classica. Rivista della Scuola naz. Di Archeologia, pubbl. A cura degli Ist. Di Archeologia e Storia dell'arte greca e romana e di Etruscologia e antichità italiane dell'Univ. di Roma. Roma, L'Erma.

Arias, *Storia*: ARIAS, P.E., *Storia della ceramica di età arcaica, classica ed ellenistica e della pittura di età arcaica e classica* (Enciclopedia Classica, sec. III, vol. XI, tom. V).

ASAA: Annuario della Scuola Archeologica di Atene e delle Missioni Italiane in Oriente. Roma, Ist. Poligraf. dello Stato.

Benson (1989): Benson, J.L. *Earlier Corinthian Workshops. A study of Corinthian Geometric and Protocorinthian Stylistic Groups*. Amsterdam, 1989.

Benson, 1953: BENSON, J.L., *Die Geschichte der korinthischen Vasen*, Basel 1953.

BMM: Bulletin of the Metropolitan Museum of Art. New York.

BMQ : British Museum Quarterly, Londres, desde 1926.

Boardman, 1998: BOARDMAN, J. *Early Greek Vase Painting*. London: Thames and Hudson, 1998.

Bothmer, 1969: von Bothmer, D. "Aspects of a Collection", *BMM* 27, 10 (Junho de 1969), p. 424-436.

Buschor, 1940: Buschor, Ernst, *Griechische Vasen*, Munich 1940.

Coll. 1988: Amyx, D.A. *Corinthian Vase-Painting of the Archaic Period*, Berkley, 1988.

Convegno di Studi Etruschi e Italici, Firenze 1984.

Cook, 1972: COOK, R.M. *Greek Art: Its Development, Character and Influence*, Londres 1972.

Cook, 1960: COOK, R.M., *Greek Painted Pottery*, Londres 1960, 1972.

Corinth VII, 1: WINBERG, S. The geometric and Orientalizing pottery, Results of Excavations conducted by the American School of Classical Studies at Athens, Vol. VII, part I. Cambridge Mass. 1943.

CVA: *Corpus Vasorum Antiquorum*.

Cristofani, 1969: CRISTOFANI, M. *Le tombe da Monte Michele nel Museo Archeologico di Firenze*, Firenze 1969.

D' Agostino: d' AGOSTINO, B. *Appunti sulla posizione della Daunia*, in Atti del XIII.

Dehl, 1984: DEHL, C. *Die korinthische Keramik des 8. und frühen 7. Jhs v. Chr. In Italien*, Berlim 1984.

Demargne, 1964: DEMARGNE, P. *Aegean Art: The Origins of Greek Art*. Londres 1964 (também outros editores).

Dörpfeld, 1935: DÖRPFELD, W. *Alt-Olympia*, Berlim 1935.

Dunbabin & ROBERTSON, 1953: "Some Protocorinthian Vase-Painters", *BSA* 48 (1953), pgs. 172-181.

EAA: Enciclopedia dell'Arte Antica, vols. 1-7, Roma 1958-1966.

Frêl, 1956: FRÊL, J. *Recké Vâzy*, Praga 1956

Friis Johansen, 1923: JOHANSEN, K.F. *Les vases Sicyoniens*, Paris 1923.

Coldstream, 1968: COLDSTREAM, J.N. *Greek Geometric Pottery*, London 1968.

Greek Vases: Greek Vases: Molly and Walter Bareiss Collection, texto de J. Frel and Mr. True, exh. cat., The Paul Getty Museum, Mailbu, 1983.

Greek Vases and modern Drawings: Greek vases and Modern Drawings from the Collection of Mr. and Mrs. Walter Bareiss, The metropolitan Museum of Art, New York, 1969.

Hampe, 1936: HAMPE, R. *Frühe griechische Sagenbilder in Böotien*. Atenas 1936.

Hesperia: Hesperia. Journal of the American School of Classical Studies at Athens.

IIAA: AA.VV., *Italian Iron Age Artefacts in the British Museum*, Papers of the 6th British Museum Classical Colloquium, Londres 1986.

Kübler, 1950: KÜBLER, K. *Altattische Malerei*, Tübingen 1950.

JHS: Journal of Hellenic Studies. London, Soc. for the Promotion of Hellenic Studies.

Johannowski, 1983: JOHANNOWSKI, W. *Materiali di età arcaica dalla Campania antica*, Napoli 1983.

Johansen, 1923: JOHANSEN, K.F. *Les vases sicyniens*, 1923.

La céramique: AA.VV., *La céramique grecque ou de tradition grecque au VIII^e siècle en Italie centrale et méridionale*, Naples 1982.

Lane, 1948, 1963: LANE, A., *Greek Pottery*, Londres 1948, 1963.

Matz, 1950: MATZ, F. *Die Geschichte der griechischen Kunst*, Bd. I: *Die geometrische und die früharchaische Form*, Frankfurt a/M 1950.

MEFRA: Mélanges de l'École Française de Rome, Antiquité. Paris, de Boccard.

Mégara Hyblaea, 1964: VALLET, G. & VILLARD, F. *Mégara Hyblaea, II. La céramique archaïque*, Paris 1964.

MonAl: Monumenti antichi pubblicati dall'Accademia dei Lincei. Roma.

Neeft, 1991: Neeft, C.W. *Addenda and Corrigenda* to D. A. Amyx, *Corinthian Vase Painting in the Archaic Period*, Amsterdam 1991.

NSA: Notizie degli Scavi di Antichità. Roma, Accademia dei Lincei.

Pais, 1925: PAIS, E. *Storia dell'Italia antica*, 1925.

Payne, 1931: PAYNE, H. *Necrocorinthia*, 1931.

Payne, 1933: PAYNE, H. *Protokorinthische Vasenmalerei* (Bilder griechischer, Heft 7). Berlin, 1933.

Perachora (I ou II): PAYNE, H. – DUNBABIN, T.J. *Perachora, I-II*, 1940-1962.

Pfuhl, 1923: PFUHL, Ernst, *Malerei und Zeichnung der Griechen*, 3 vols., Munich 1923.

Poulsen I-II: POULSEN, V. *Griechische Kunst*, I-II Königsberg im Taunus 1962-1963.

Schefold, 1966: SCHEFOLD, K. *Myth and Legend in Early Greek Art*, New York, 1966 (também outros editores).

SE.: Studi Etruschi. Roma, Giorgio Bretschneider.

Weltkunst: Weltkunst aus Privatbesitz, ed. H. May, exh. cat., Kunsthalle Köln, Cologne, 1968.

4.1 Vasos Proto-Coríntios

4.1.1 Proto-Coríntio Antigo

1.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Esquifos

1.2. Coleção: Museo di Antichità di Torino; nº inventário 3948

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 0,08m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Recomposto

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Argila fina amarela clara

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

- 5.1. Forma: Corpo cônico, boca larga, pé em anel e duas alças verticais.
- 5.2. Decoração: Decoração em vermelho empalidecido em escuro. Alguns pontos descolorados. Sobre a borda externa, duas fitas; entre as alças, linhas espaçadas entre grupos de traços verticais. Decorações com filetes horizontais e na metade inferior, duas amplas faixas envernizadas. Alças horizontais em pequeno bastão, decorado por pinceladas. A parte interna é envernizada em vermelho-escuro.

6. PROVENIÊNCIA

Desconhecida

7. CATEGORIA

Proto-coríntio geométrico (PCA)

8. CRONOLOGIA

Último quarto do séc. VIII a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

CVA Itália (Museu di Antichità di Torino), pg.3, prancha 1: 1

10. COMPARANDA

A sua forma e decoração lembram os exemplares proto-coríntios da fase do aríbalo pansudo Johansen (1923), prancha IX :5-6; Perachora (II), prancha 19: 378-382.

2.

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Forma: Esquifos
- 1.2. Coleção: Museo di Antichità di Torino; nº inventário 3947
(inventário velho nº 3080)

2. DIMENSÕES

- 2.1. Altura (máx.): 0,095m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Recomposto

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Argila amarela

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: corpo cônico, boca larga e base achatada e duas alças verticais em bastão.

5.2. Decoração: decoração vermelha empalidecida em escuro. Na parte externa, decoração que repete o esquema do vaso seguinte. Parte interna envernizada em vermelho-escuro.

6. PROVENIÊNCIA

Desconhecida

7. CATEGORIA

Proto-coríntio geométrico (PCA)

8. CRONOLOGIA

Fim do séc. VIII a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

CVA Itália (Museu di Antichità di Torino) pg. 3, prancha 1

10. COMPARANDA

Para a forma mais pontuda do vaso precedente, mais alongada que o anterior ver Johansen (1923), prancha XVII: 3; 4; para variação de pintura no entorno das alças ver um exemplar de Corinto em Payne (1933) prancha 1:3.

3.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Esquifos

1.2. Coleção: Museo di Antichtá di Torino; nº inventário 4680

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 0,075m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Recomposto e restaurado

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Argila fina e amarela

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Corpo cônico, boca larga, pé em anel e duas alças verticais.

5.2. Decoração: em vermelho com traços em marrom. Asas em bastão (uma de restauro). Filetes desgastados sobre a borda. Entre as asas, decoração em linhas onduladas desgastada entre grupos de linhas verticais. Sob as asas, filetes horizontais até a metade do corpo; na metade inferior grandes raios triangulares, a maior parte desgastados. A parte interna é envernizada em vermelho-escuro.

6. PROVENIÊNCIA

Desconhecida

7. CATEGORIA

Proto-coríntio geométrico (PCA)

8. CRONOLOGIA

Início do séc. VII a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

CVA Itália (Museu di Antichità di Torino), pg.3, prancha 1

10. COMPARANDA

Ver também Joahnsen (1923), prancha XVII: 2.

4.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Aríbalo globular

1.2. Coleção: W.J. Evelyn; Museu britânico de Londres, 1969. 12-15. I

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 6,8cm.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: argila

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Vaso de corpo globular, gargalo pequeno e estreito, boca achatada, alça ligando o ombro até o bocal.

5.2. Decoração: No ombro: pássaros, rosetas estreladas, voluta floral, triângulos cruzados e sombreados; no corpo: caça ao cervo, com hoplita voltado para a direita, cavaleiro, voluta floral, pássaro voando, cão, cervo e garça.

6. PROVENIÊNCIA

Desconhecida

7. CATEGORIA

Proto-coríntio antigo (PCA); The Evelyn painter (Amyx, 1988)

8. CRONOLOGIA

700 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Cook, (1960), 110-113, prancha 38 a-d e 39 a-b; Cook (1972), prancha 5b; Boardman (1998), prancha 166. 1,2. Amyx (1988), Vol. I, pg.17 prancha 1 (6 a-b).

10. COMPARANDA

Para exemplar do Heraion Argivo consultar Cook BMQ 36 (1972), p.113.

5.

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Forma: Aríbalo globular
- 1.2. Coleção: Nápoles 128321

2. DIMENSÕES

- 2.1. Altura (máx.): 6,5cm.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Aparentemente em bom estado

4. DADOS TÉCNICOS

- 4.1. Matéria prima: argila
- 4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

- 5.1. Forma: Vaso de corpo globular, gargalo pequeno e estreito, boca achatada, alça vertical ligando a parte superior do ombro até a boca.
- 5.2. Decoração: Peixe, galo, pássaro para a esquerda, cabeça voltada, vários ornamentos.

6. PROVENIÊNCIA

Cumas

7. CATEGORIA

Proto-coríntio antigo (PCA); First outline group (Amyx, 1988)

8. CRONOLOGIA

720-690 a.C

9. BIBLIOGRAFIA

Pfuhl (1923) vol.III, fig. 30; Payne (1931), prancha 6: 2-3,5; Buschor, (1940), pg.25, figs. 27-28; Lane, GP, prancha 13B; Kübler, (1950), pg.13, fig. 6; Matz

(1950), prancha 143, d; Benson (1953), lista 1, nº 1; Dunbabin e Robertson, *BSA* 48 (1953) pg.137 A, nº 3; Cook (1960, 1972), prancha 9 A; Arias, Stora, prancha 17: 1-3; Banti em *EAA VII* (1966), pg. 505, fig. 576, Boardman, (1998), pg.85-86 (prancha 165. 1,2); Amyx (1988), p.15.

10. COMPARANDA

Em Amyx (1988) temos dois belos exemplares descritos do “grupo em contorno” v.1, pg.15 e vol. 3 prancha 1:1 (Boston, 03.810) e prancha 1:2 (Nápoles, 128322). Ver também Boardman (1998) pg.85, imagem 164; e ainda Payne (1933) prancha 5:2 e prancha 6:4.

6.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Aríbalo

1.2. Coleção:Nápoles 128296

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 0,066m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Boca, parte do pescoço e asa faltando

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: argila

4.2.Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Vaso de corpo globular, gargalo pequeno e estreito, boca achatada, alça ligando o ombro até o bocal.

5.2. Decoração: No ombro círculos pontilhados ligados em forma espiralada; no corpo seis “pássaros protomos voltados para a esquerda; raios abaixo em forma de S.

6. PROVENIÊNCIA

Cumas

7. CATEGORIA

Proto-coríntio antigo (PCA); atribuído ao pintor de bird-protome

8. CRONOLOGIA

720 –690 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Amyx (1988), vol. 1 pg. 17, prancha 1:3; Payne (1931), prancha 5:6; Benson (1953), lista 3, número 1.

10. COMPARANDA

Há outros exemplares descritos em Amyx (1988), vol.1, p.17.

7.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Aríbalo

1.2. Coleção: Siracusa 2148

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 0,055m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Aparentemente em bom estado

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: argila

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Vaso de corpo globular, gargalo pequeno e estreito, boca achatada, alça ligando o ombro até o bocal.

5.2. Decoração: No ombro, pássaros saltando para a direita; no corpo, faixas.

6. PROVENIÊNCIA

Cumas

7. CATEGORIA

Proto-coríntio antigo (PCA); atribuído ao Pintor de pássaros saltadores

8. CRONOLOGIA

720-690 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Amyx (1988), vol. 1 pg. 17 e vol. 2 prancha 2:1; AJA 60 (1956), pg.220 e prancha 68, figura 1.

10. COMPARANDA

Há outro exemplar deste estilo figurativo descrito em Amyx (1988), vol.1, p.17-18, prancha 2:2 a-b.

8.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Aríbalo

1.2. Coleção: Boston (03.810; F 391)

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 0,075m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: argila

4.2.Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Vaso de corpo ovóide, gargalo pequeno e estreito, boca achatada, alça vertical - ligando a parte superior do ombro até a boca e base achatada.

5.2. Decoração: Quatro pássaros caminham para a direita; rosetas preenchem a cena.

6. PROVENIÊNCIA

Cumas

7. CATEGORIA

Proto-coríntio antigo

8. CRONOLOGIA

720-690 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Payne (1933), prancha 5: 4; Payne (1931), prancha 1: 3; Payne (1931), prancha 5: 2; Matz (1950), prancha 143 a; Dunbabin & Robertson (1953), pg. 173, A, número 1.

10. COMPARANDA

Ver outro exemplar de Cumas em Amyx (1988), vol.1, pg. 15 prancha 1:2 (há outros descritos).

9.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Aríbalo

1.2. Coleção: Siracusa (Gr.219)

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 0,065m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Faltando alça

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: argila

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Vaso de corpo ovóide, gargalo pequeno e estreito, boca achatada, alça vertical - ligando a parte superior do ombro até a boca e base achatada.

5.2. Decoração: No ombro, dois cães caçando um veado; no corpo do vaso, três veados voltados à esquerda e rosetas circulares com pontos; na base raios. Os pescoços dos veados são preenchidos com pontos.

6. PROVENIÊNCIA

Fusco

7. CATEGORIA

Proto-coríntio antigo; Segundo grupo em cotorno

8. CRONOLOGIA

720-690 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Payne (1933), prancha 5: 3; Payne (1931), prancha 1: 2; Matz (1950), prancha 143 b; Dunbabin & Robertson (1953), pg. 173, B, número 1; *BCH* 82 (1952), pg. 332, fig. 5; Benson (1953), list 2, número 3; Buschor (1940), pg.25, fig.28; Johansen (1923), prancha 14:1; *NSC* (1895), pp. 13f, figura 14 (esboço).

10. COMPARANDA

Ver outro exemplar de Cumas em Amyx (1988), vol.1, pg. 15 prancha 1:2 (há outros descritos).

10. **1. IDENTIFICAÇÃO**

1.1. Forma: Cotile

1.2. Coleção: Atenas; n.m. 14476

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 0,067m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Aparentemente em bom estado

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: argila

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: amplo bocal plano; colo cilíndrico; ventre alongado; pé em anel; duas pequenas alças verticais; base achatada.

5.2. Decoração: Na parte inferior duas faixas negras e uma linha entre elas; filetes horizontais na metade do corpo; entre as asas linhas verticais, dois pássaros e linhas horizontais onduladas.

6. PROVENIÊNCIA

Desconhecida

7. CATEGORIA

Proto-coríntio antigo (geométrico)

8. CRONOLOGIA

750- 690 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Payne (1933).

10. COMPARANDA

Para pássaro geométrico ver Amyx (1988), vol. 1 pg. 19 e vol. 2 prancha 3:1 a-d; Para exemplares do proto-coríntio antigo geométrico ver os vasos 3.1.1; n° 1,2 e 3) do meu catálogo).

11.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Cratera

1.2. Coleção: Toronto, Royal Toronto Museum; 919.5.18

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): sem referência

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: argila

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: amplo bocal plano; colo cilíndrico; ombro convexo; ventre alongado; pé em anel; pequenas alças verticais; disco na junção superior da alça ao bocal.

5.2. Decoração: filetes horizontais do pé até metade do vaso.

6. PROVENIÊNCIA

Desconhecida

7. CATEGORIA

Proto-coríntio antigo (geométrico); Grupo Tapsos

8. CRONOLOGIA

750-690 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Corrigindo dados.

10. COMPARANDA

Corrigindo dados.

12.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Enócoa trilobada

1.2. Coleção: Nápoles 128193

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 33,4cm.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: argila

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Ampla boca trilobada; colo cilíndrico; ombro convexo; ventre ovóide alongado; pé em anel; alça larga ligando o ombro do vaso até o bocal.

5.2. Decoração: No pescoço, pássaros geométricos e ornamento linear; no corpo, faixas enlaçadas com cálices em suas extremidades; na base raios.

6. PROVENIÊNCIA

Cumas

7. CATEGORIA

Proto-coríntio antigo (PCA); Grupo Cumas (Boardman, 1998)

8. CRONOLOGIA

Entre 725- 700 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Boardman (1998), pg.86, prancha 167; Cook, 1960, 1972; Payne, 1931. pg.9, fig.4; Amyx (1988), Vol. I, pg.19 (prancha 3); *MonAl* 22, cols. 261 f. e prancha 30: 1 a-c; Friis Johansen (1923), prancha 6: 1 a-b.

10. COMPARANDA

Em Amyx (1988), Vol. I, pg.19 (prancha 3:1 a-d), há dois outros exemplares mencionados de enócoas provenientes de Cumas; ver também Cook (1960, 1972) prancha 8c para a mesma enócoa mencionada por Amyx.

4.1.2 Proto-Coríntio Médio

13.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Aríbalo ovóide

1.2. Coleção: Coleção Bareiss número 240; The Paul Getty Museum (Malibu);
nº de acesso 86. AE.40

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 7,0cm.

2.2. Corpo (diâm.): 3,2cm.

2.3. Base (diâm): 0,9cm.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Pescoço, maior parte da boca e pequena parte da alça são restauradas e repintadas

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: argila

4.2.Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

- 5.1. Forma: Aríbalo pontudo, afilando em direção à base, com a alça estirada.
- 5.2. Decoração: Boa parte da decoração é em marrom escuro. Na parte de cima do bocal: linha estreita ao longo da borda externa, raios, e lingüetas; ombro: lótus e palmeta padronizados; ao redor da parte de baixo do corpo: raios; na borda da base: linha. Na parte externa da alça: trança padronizada; nas bordas: dois pares de linhas anguladas à direita, um par à esquerda. Parte de baixo da base reservada. Frisos animais. I: duas Esfinges confrontadas; bode pastando; entre as Esfinges, uma pétala em forma de estrela; acima, espiral suspensa; atrás da cabeça de cada esfinge, duas burrinhas em posição heráldica; sobre o dorso de cada esfinge, um floreio. II: dois cães correndo para a esquerda perseguindo uma lebre. Cores acessórias: Vermelho: faces, tórax, e penas das asas das esfinges; pescoço e barba do bode. Vermelho e rosa: pétalas em forma de estrela. Vermelho escuro: trança padronizado na alça.

6. PROVENIÊNCIA

Corinto

7. CATEGORIA

Entre o proto-coríntio médio II e o recente(PCM II- PCR): é atribuído ao grupo de Carneiros em Combate por C.W. Neeft

8. CRONOLOGIA

670-630 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Weltkunst, cat. A 8; *Greek Vases and Modern Drawings*, pg.1, nº 1; Bothmer, “Aspects of a Collection”, pg.427-428, and fig.1; *Greek Vases*, pg.67, nº 6; Benson (1989), pg.53, nº 5, prancha 19, 3a-b; *Addenda to CorVP*, pg.19; CVA, The Paul Getty Museum, prancha 244, 6-10.

10. COMPARANDA

Para a palmeta e ornamento em volutas ver Payne, 1931, p.151, fig. 58 A.; quanto à grinalda floral p.269, fig.113 e prancha 3, 2; para conferir cães de caça ver a prancha 9; pétala em forma de estrela, p.147, fig. 54 H. Em Benson (1989), ver B.M. 1913.10-2.1, prancha 19, 2 para ver o bode pastando, e nas pgs. 52-53 podemos ver outros vasos do estilo de carneiros em Combate.

14.

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Forma: Aríbalo
- 1.2. Coleção: Corinth CP2096

2. DIMENSÕES

- 2.1. Altura (máx.): 46cm.
- 2.2. Diâmetro: 33cm

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Pedaços faltando no lábio e no pé

4. DADOS TÉCNICOS

- 4.1. Matéria prima: fina camada de argila com superfície polida na cor amarronzada
- 4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

- 5.1. Forma: Vaso de corpo ovóide; gargalo médio e um pouco mais alongado quando comparado com os exemplares do PCA; boca achatada, alça vertical ligando a parte superior do ombro até a boca e base arredondada.
- 5.2. Decoração: Sobre a superfície do lábio, borda de pétalas com dois círculos; na junção do pescoço e do ombro; linha estreita; no ombro, zigzag contínuo, desenhado desigualmente, limitado por um par de linhas radiantes; na alça, homem nu; no corpo, friso de sete guerreiros armados (um vestido e o resto nu) em combate, com duas linhas estreitas passando por cima e por baixo deles; na zona inferior, raios apoiados em uma linha estreita; a borda inferior interna é pintada.

6. PROVENIÊNCIA

Encontrado no cemitério do Licaion (porto de Corinto)

7. CATEGORIA

Proto-coríntio PCM; técnica de pintura semelhante à do Pintor de caçadores

8. CRONOLOGIA

690-650 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

AJA 59 (1955), prancha 68:10; Benson *AJA* 60 (1956), pg.220; Dunbabin in *Perachora II*, pg.17, note 2 under nº 27; C.W.J and Mary Eliot, *Hesperia* 37 (1968), pg.348-351 e prancha 102:2 (quatro visões e desenho desenrolado); *Corinth VII:2*, pg.12; AMYX (1988), pg.25 (pl6: 1 a-e); BOARDMAN (1998), pg.86 (prancha 171. 1,2).

10. COMPARANDA

Para exemplar do pintor de caçadores ver AMYX (1988), Vol. 1, pg 24 e vol 3 (prancha 5: 2 a-d): exemplar proveniente de Londres 199 (A 1052).

15.

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Forma: Aríbalo
- 1.2. Coleção: Corinto (F397)

2. DIMENSÕES

- 2.1. Altura (máx.): 0,068m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom

4. DADOS TÉCNICOS

- 4.1. Matéria prima: argila
- 4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

- 5.1. Forma: Vaso de corpo ovóide, gargalo pequeno e estreito, boca achatada, alça vertical -ligando a parte superior do ombro até a boca e base achatada.
- 5.2. Decoração: No friso principal, leão com cabeça barbada atacado por um hoplita armado; pantera voltada à direita; figura masculina alada voltada à esquerda; vários ornamentos.

6. PROVENIÊNCIA

Corinto

7. CATEGORIA

Entre o proto-coríntio médio II e recente (“Estilo magnífico”); Pintor de Boston

8. CRONOLOGIA

670-630 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Amyx (1988), vol. 1 pg.33 e vol. 2 prancha 11: 2 a-d.; Joahnsen (1923), pgs. 148-150; Swindler (1929), prancha 7c; Fairbanks (1928), pgs.148-150; Payne (1931), prancha 20:1 e 5; BSA 42 (1947); Matz (1950), I, prancha. 149 a; *Studies Robinson* II (1953); pg. 178, número 5; *EAA* II (1959), pg. 147, fig. 218; *AJA* 4 (1900), prancha 5.

10. COMPARANDA

Em Amyx (1988), vol. 1, pg. 33-34 ver outros exemplares citados sobre o Boston Painter; o estilo deste vaso se aproxima do Pintor Chigi, ver a descrição de dois vasos deste pintor no meu catálogo (3.1.2).

16.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Aríbalo

1.2. Coleção: Berlin, inv. 3319

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 0,072m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Aparentemente em bom estado

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: argila

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Vaso de corpo globular, gargalo pequeno e estreito, boca achatada, alça ligando o ombro até o bocal.

5.2. Decoração: No friso inferior, temos animais (bode, leão, boi e lebre). No friso principal: carruagem voltada para a direita, com homem atrás dela; atrás dele, na esquerda, um jovem guia um cavalo para a direita; em frente a carroça, um homem com uma lança em pé, atrás dele um homem correndo desvairadamente; atrás, Ájax empalado em sua espada. Um pequeno galo (no campo) e (no pescoço) suásticas e pássaros voando ajudam a preencher as cenas.

6. PROVENIÊNCIA

Grécia

7. CATEGORIA

Proto-coríntio médio I-II; atribuído ao Pintor Ájax

8. CRONOLOGIA

690-650 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Amyx (1988), vol. 1, pg. 23 e vol. 2 prancha 5: 1 a-b. Benson (1953), lista 5, número 3; Dunbabin & Robertson (1953), pg. 176, número 4; *EAA VI* (1965), pg. 508, fig. 550; Joahnsen (1923), prancha 23: 2 a-e; Brommer (1973), pg.380, C-1; Joahnsen (1967), pgs. 30/32 e 33, fig 4; *AA*, 1985, pgs. 33, número 14, figura 5.

10. COMPARANDA

Ver Amyx (1988), vol. 1, pg. 23 e 24 para descrição de outros exemplares do Pintor Ájax. Além do vaso número 9 do meu catálogo, em Amyx (1988), vol. 1 p.24 e vol II prancha 5: 2 a-d há também outro ótimo exemplar desse estilo relacionados aos primeiros mestres da narrativa.

17.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Aríbalo

1.2. Coleção: Museum of fine arts of Boston (no. 95.13)

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 0,052m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: argila

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Vaso de corpo ovóide, gargalo pequeno e estreito, boca achatada, alça vertical - ligando a parte superior do ombro até a boca e base achatada.

5.2. Decoração: No ombro, flores de lótus e volutas; no corpo, duas esfinges confrontadas, rosetas e triângulos; abaixo, cães em carreira; no pé, raios.

6. PROVENIÊNCIA

Desconhecida

7. CATEGORIA

Proto-coríntio médio;

8. CRONOLOGIA

690- 650 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Cook (1960), p.44, prancha 9d.

10. COMPARANDA

Ver descrição de outro exemplar em Amyx (1988), vol.1 pg. 23 com muito mais detalhes e atribuído ao Pintor Ájax.

18.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Aríbalo

1.2. Coleção: Londres 1860.4-4.16

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 0,125m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: argila

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Vaso de corpo ovóide, gargalo pequeno e estreito, boca achatada, pequena alça vertical - ligando a parte superior do ombro até a boca e base achatada.

5.2. Decoração: Primeiro friso: cervo entre leões; segundo friso: boi voltado à direita, cervo entre leões e boi; terceiro friso: cães. Rosetas preenchem as cenas.

6. PROVENIÊNCIA

camiros

7. CATEGORIA

Proto-coríntio médio II e recente; Head-in-air Painter

8. CRONOLOGIA

670- 630 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Amyx (1988), vol. 1, pg. 43 e vol. 2 prancha 13:2 a-c.

10. COMPARANDA

Em Amyx (1988) vol. 1, pg. 42-45 há descrição de outros vasos do mesmo pintor ou semelhante Dunbabin & Robertson (1953), pg.178, número 11; Benson (1953), pg. 17, número 6; Joahnsen (1923), pg. 167 e prancha 44: 1 a-b; Payne (1931) prancha 9:1 (esboços); Payne (1933), prancha 30:2; Lane (1948, 1963), prancha 25b-c.

19.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Aríbalo com cabeça de leão

1.2. Coleção: Londres 1889.4-18.1

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 6,8cm.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Aparentemente bom

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Informação não localizada

4.2.Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Vaso com o bojo ovóide, base achatada e com a parte superior e o bocal em forma de cabeça de leão.

5.2. Decoração: Três frisos figurados: I, hoplitas armados em batalha; II, corredores, macaco(?); III, cenas de caça (raposa, homem, lebre e cães).

6. PROVENIÊNCIA

Tebas

7. CATEGORIA

Proto-coríntio; atribuído ao Chigi Painter e conhecido como aríbalo Macmillan

8. CRONOLOGIA

Sem data precisa (PCM II ou PCR)

9. BIBLIOGRAFIA

C. Smith, *JHS* 11 (1890), pg.167-180, pranchas 1-2; Johansen (1923), pg.98, nº 50 e prancha 31:1 a-f; G.M. A. Richter, *Animals in Greek Sculpture* (Londres 1930), prancha 1:1-2 (cabeça de leão); Payne (1931), prancha. 1:7 (ph) e pg. 74, fig. 20 a; Payne (1933), prancha 22:1, 2 e 5 (ph.); Dörpfeld (1935), II, Beil: 29b (duas visões) Buschor 1940, pg.30, fig.35; *BSA* 42 (1947), pg.102, fig. 10; Lane (1948, 1963), prancha, 23, C; Matz (1950), pranchas 146d, 151 a; *JHS* 71 (1951), pg.162, fig. 8; Benson (1953), list 15, nº 1; DR, pg.179, fundo, nº 10; Banti em *EAA* IV (1961), pg.758, fig. 916; Poulsen I, pg.5 (duas visões); Demarge (1964), fig. 439 (colorida); Boardman (1998), pg. 86-87, prancha 176.1,2; Amyx (1988), Vol. I, pg.31-32 (prancha 11; 1 a-b).

10. COMPARANDA

Para o mesmo pintor ver descrição do aríbalo de Berlin (nº inv. 3773) citado em Amyx (1988) Vol. 1 p.32; Talvez do mesmo pintor há um aríbalo de Gela em Bonn (nº 1669) ver Amyx (1988) Vol. 1 p.32; há também uma enócoa fragmentada da Eritreia na Ásia Menor mencionada Akurgal (1992).

20.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Enócoa (Vaso Chigi)

1.2. Coleção: Museo Nazionale di Villa Giulia em Roma; nº inventário 22679

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 0,262m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Argila amarela

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: amplo bocal plano; colo cilíndrico; ombro convexo; ventre ovóide alongado; pé em anel; alça larga ligando o ombro do vaso até o bocal; disco na junção superior da alça ao bocal.

5.2. Decoração: Finamente trabalhada e decorada na sua superfície externa de três zonas de representações, dividida entre elas duas faixas escuras com riscos horizontais vermelho-escuro. Em baixo decoração com raios.

A- Zona Superior.- Duas fileiras de guerreiros, com armadura completa, como os escudos adornados, vão para a batalha: uma é acompanhada de um auleta, e mostra, na sua extremidade esquerda, um guerreiro que se arma, ajudado por um colega, enquanto as outras armas estão no chão. A primeira fileira, que mostra a parte interna dos escudos, e é armada de lança, se compõe, além de outro auleta, de 15 soldados; defronte aos quais outros 12, divididos também eles em dois grupos.

B- Zona mediana- 1) Quatro cavaleiros, que acompanham cada um outro cavalo; 2) quadriga montada por um auriga, enquanto um efebo nu tem pelas rédeas os cavalos; 3) duas esfinge com dois corpos heraldicamente dispostos e uma cabeça única; 4) caça ao leão. A fera pegou um caçador mordendo, enquanto os outros vêm e a golpeiam com a lança; 5) Julgamento de Páris. Para ele, vestido de uma ampla túnica, Hermes, conduz três deusas, Hera, Atena e Afrodite.

C- Zona inferior, metade da altura da precedente: caça a lebre, em terreno de moita. Tomam partes jovens nus e cães.

6. PROVENIÊNCIA

Achada em um túmulo em Formello (Veios); outrora pertencente ao príncipe Chigi, adquirida pelo Estado em 15 de março de 1913

7. CATEGORIA

Entre o Proto-coríntio médio e recente (PCM II ou PCR)

8. CRONOLOGIA

670- 650 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

NSA, 1882, p.291 e seg. (G. Girardini- circostanze della scoperta); Pfuhl (1923), parágrafo 99, pag. 59, III, 13 (fig.); E. Pais (1925), I, tav.175 (ver Tav. I, 2); CVA Itália (Museo Nazionale di Villa Giulia in Roma), prancha 1.

10. COMPARANDA

Para o mesmo pintor ver descrição do aríbalo de Berlin (n ° inv. 3773) citado em Amyx (1988) Vol. 1 p.32; Talvez do mesmo pintor há um aríbalo de Gela em Bonn (n ° 1669) ver Amyx (1988) Vol. 1 p.32; há também uma enócoa fragmentada da Eritreia na Ásia Menor mencionada Akurgal (1992).

21.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Piixide

1.2. Coleção:Wellington 1964.2

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 0,104m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Aparentemente em bom estado

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Argila

4.2.Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Vaso de corpo cilíndrico com tampa.

5.2. Decoração: No corpo do vaso tigres e um animal com chifre e na tampa vários animais.

6. PROVENIÊNCIA

Desconhecida

7. CATEGORIA

Proto-coríntio médio (PCM I); atribuído ao Pintor Hallowe`en

8. CRONOLOGIA

690-670 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Amyx (1988), vol. 1 pg. 51 e vol. 2 prancha 4:2 a-c.

10. COMPARANDA

Há outros exemplares descritos em Amyx (1988), vol.1, p.22. Ver também *Hesper Art, Bull.* 20, número 238 (ill), onde este vaso é classificado como etrusco.

22.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Olpe

1.2. Coleção: Villa Giulia 55400

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 0,283m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: argila

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Boca convexa; corpo ovóide com filete ligado ao pescoço; base achatada.

5.2. Decoração: Boi atacado por leão, na técnica de policromia negra, cores adicionadas sobre a argila.

6. PROVENIÊNCIA

Veios

7. CATEGORIA

Entre o proto-coríntio médio e recente (primeiros monumentalistas); The Hound Painter

8. CRONOLOGIA

690-630 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Amyx (1988), vol. 1, pg. 27 e vol. 2 prancha 7: 1.

10. COMPARANDA

Em Amyx (1988), vol., 1 pg. 26 e vol. 2 prancha 7: 2, ver outro exemplar do mesmo pintor.

23.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Olpe

1.2. Coleção: Corinto C-32-139

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 0,197m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Não preservada

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: argila

4.2.Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Vaso fragmentado;

5.2. Decoração: Vários animais compõem a cena: cavalo, bode e veado e cães caçando lebre

6. PROVENIÊNCIA

Desconhecida

7. CATEGORIA

Proto-coríntio médio II e recente; Pintor da caça a lebre.

8. CRONOLOGIA

670- 630 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Amyx (1988), vol. 1, pg. 45 e vol. 2 prancha 13:1; *AJA* 41 (1937), pg.219, fig. 1.1; Weinberg (1943), pp. 60f e prancha 30, número 218; Dunbabin, *loc.cit*; Benson (1953), pg. 21, número 1; Dunbabin & Robertson (1953), pg.178, número 3.

10. COMPARANDA

Ver descrição de outros exemplares em Amyx (1988), vol.1, pg. 45 com muito mais detalhes e atribuído ao Pintor Ájax.

4.1.3 Proto-Coríntio Recente

24.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Aríbalo ovóide

1.2. Coleção: Museo di Antichità di Torino; n° inventário 5399 (velho inv. n° 3121)

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 0,07m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Argila amarelada com decoração em parte desgastada

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Vaso de corpo ovóide, gargalo pequeno e estreito, boca achatada, alça vertical -ligando a parte superior do ombro até a boca e base achatada.

5.2. Decoração: Sobre a borda auréola; sobre o dorso da alça restos de linhas horizontais; sobre os ombros rosetas pontilhadas, no momento desaparecidas; sobre o corpo zona com três cães em carreira para a esquerda, entre dois grupos de linhas horizontais e paralelas; próximo ao pé duas pequenas faixas.

6. PROVENIÊNCIA

Desconhecida

7. CATEGORIA

Proto-coríntio recente

8. CRONOLOGIA

650-640 a.C. (PCR)

9. BIBLIOGRAFIA

CVA Itália (Museo di Antichità di Torino), pg. 4, prancha 3.

10. COMPARANDA

Em *St.Etr.* I, 1927, pg.59, prancha XXVII-XXVIII) ver exemplares de Caera; para exemplar de Taranto *Ann. Sc. At.*, n.s. XXI-XXII, 1959-60, p.29, fig.20 b.

25.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Aríbalo ovóide

1.2. Coleção: Coleção Bareiss número 219; The Paul Getty Museum (Malibu);
nº de acesso 86. AE.41

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 4,1cm.

2.2. Corpo (diâm.): 3,2cm.

2.3. Base (diâm): 1,9cm.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Faltando toda a boca, pescoço e a maior parte da alça. Rabiscos no corpo; defeitos na base do pé

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Informação não localizada

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: É um pouco mais larga do que a dos aríbalos de forma padrão.

5.2. Decoração: acima e abaixo dos frisos principais: três linhas estreitas. Ao redor em baixo do corpo: raios. Base, borda: duas linhas estreitas; no lado de baixo: dois círculos concêntricos. No ombro temos cães perseguindo uma lebre para a direita. No friso principal três cavaleiros segurando aguilhões e galopando para a direita; as crinas dos cavalos são pintadas em vermelho. Debaixo da cauda do cavalo: floreio vertical. Detalhes são incisos.

6. PROVENIÊNCIA

Corinto

7. CATEGORIA

Proto-coríntio

8. CRONOLOGIA

650-630 a.C. (PCR)

9. BIBLIOGRAFIA

CVA Malibu (The Paul Getty Museum- Molly and Walter Mareiss Collection) prancha 244, 1-5; Greek Vases and Modern Drawings, pg.1, nº 2; Greek vases, pg.67, nº 7.

10. COMPARANDA

Ver Joahnsen (1923) e Amyx (1988) para aríbalos ovóides; há um exemplar semelhante.

Em CVA Malibu (The Paul Getty Museum- Molly and Walter Mareiss Collection), prancha 244,6-10.

26.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Olpe fragmentada

1.2. Coleção: Coleção Bareiss número 316; The Paul Getty Museum (Malibu); nº de acesso 86. AE.39

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 29cm. (parte preservada)

2.2. Corpo (diâm.): 17cm.

2.3. Base (diâm.): 10cm. (parte preservada)

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Reconstruída de vários fragmentos com algumas áreas de restauração; faltando a boca, muito do pescoço e corpo, e toda a alça. Muito do pé e raios pintados no fundo são restaurados

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Informação não localizada

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Boca convexa; corpo ovóide com filete ligado ao pescoço; base achatada.

5.2. Decoração: A parte interna do pescoço foi envernizada para juntar-se ao corpo. Rosetas pontuadas localizadas ao redor do pescoço. Entre os frisos: faixas consistindo de linhas vermelhas e pretas alternantes. Raios na faixa reservada ao redor do fundo do corpo. Frisos animais: I.: felino voltado para a direita; duas esfinges confrontadas flanqueando um pássaro, ou talvez uma sereia; cabeça de uma pantera voltada para a esquerda. II: parte traseira de um leão voltado para a esquerda; cão voltado para a direita; parte traseira e nariz de um bode pastando para a direita; pernas dianteiras de um felino voltado para a esquerda. III: felino ou cão voltado para a esquerda; bode pastando para a direita; duas panteras costas com costas; duas esfinges confrontadas flanqueando um cisne; orelha de um felino IV: felino ou cão voltado para a esquerda; javali voltado para a direita e pantera para a esquerda; bode pastando para a direita; pernas traseiras, provavelmente de um felino, para a direita; boi voltado para a direita; cabeça de um leão para a esquerda. Rosetas são distribuídas entre os animais em cada friso. Cores acessórias *Vermelho*: I, faces, tórax e penas alternadas das asas das esfinges. II, pescoço de um cão. III, pescoço do felino ou cão; barriga do bode; pescoço da pantera voltado para a direita; detalhes nas esfinges e acima; borda da asa do cisne. IV, pescoço da pantera; pescoços e barrigas do javali, do bode e do boi. *Branco*: rosetas no pescoço.

6. PROVENIÊNCIA

Corinto

7. CATEGORIA

Proto-coríntio: atribuída ao pintor do Vaticano por H. Cahn, D. Amyx e D.von Bothmer

8. CRONOLOGIA

650-630 a.C. (PCR)

9. BIBLIOGRAFIA

Greek vases and Modern Drawings, pg. 1, nº 3; Greek vases, pg.67, nº 5 (listado incorretamente como Bareiss 313); Amyx (1988), pg.69, nº 44; Neeft (1991), pg.27, nº A-44; CVA, The Paul Getty Museum, prancha 245.

10. COMPARANDA

Segundo Amyx (1988) pgs. 66-67, o Pintor do Vaticano frequentemente coloca os seus ungulados (animais providos de cascos) com a face voltada para a direita e os felinos para a esquerda (“exceto como uma figura na extremidade esquerda de uma composição simétrica”); ver outro exemplar de Berlim em Amyx (1988) vol. I pg. 68 e vol. II prancha 22 1 a-d; para os

animais em uma enócoa do mesmo Pintor consultar Yfantidis (1990) pgs.109-110 e *Masterpieces* (1964) no.2 para uma olpe semelhante.

27.

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Forma: Vaso plástico (em forma de pássaro)
- 1.2. Coleção: Leiden, Rijksmusen (RO. III. 85)

2. DIMENSÕES

- 2.1. Largura (máx.): 16,5cm.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom

4. DADOS TÉCNICOS

- 4.1. Matéria prima: argila
- 4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

- 5.1. Forma: Vaso com corpo de pássaro.
- 5.2. Decoração: Pequenas silhuetas ajudam a delinear o formato das penas.

6. PROVENIÊNCIA

Corinto

7. CATEGORIA

Proto-coríntio recente

8. CRONOLOGIA

650-630 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Payne (1931), pg. 23 prancha 25: 3; Boardman (1998), pg. 97, prancha 186.

10. COMPARANDA

Para outro exemplar de vaso plástico ver o próximo vaso; Biers (1992), fala sobre a utilidade dos vasos plásticos, além de mostrar as várias formas que eles poderiam ter.

28.

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Forma: Vaso plástico (em forma de coruja)
- 1.2. Coleção: Museu do Louvre (CA 1737)

2. DIMENSÕES

- 2.1. Altura (máx.): 0,05m.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom

4. DADOS TÉCNICOS

- 4.1. Matéria prima: argila
- 4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

- 5.1. Forma: vaso com o formato de uma coruja que volta a sua cabeça para a direita.
- 5.2. Decoração: silhuetas ajudam a compor as penas da coruja; pequenos riscos delineiam os olhos da coruja.

6. PROVENIÊNCIA

Corinto

7. CATEGORIA

Proto-coríntio recente

8. CRONOLOGIA

650-630 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

Payne (1931), pg. 23 prancha 25: 3; Boardman (1998), pg. 97, prancha 186.

10. COMPARANDA

Para outro exemplar de vaso plástico ver o último vaso; Biers (1992), fala sobre a utilidade dos vasos plásticos, além de mostrar as várias formas que eles poderiam ter.

4.2 Vasos Proto-Coríntios de Imitação Colonial

4.2.1 Proto-Coríntio Antigo

29.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Esquifos

1.2. Coleção: Coleção Spinelli; Museo Nazionale di Napoli; nº inventário 157099

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 10cm.

2.2. Base (diâm.): 5,8 cm

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Permanece o recipiente, com mínima parte do ombro. Leves incrustações

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Argila laranja; engobo creme; verniz vermelho coral

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

- 5.1. Forma: Ombro convexo muito curto; recipiente profundo com parede reta; pé em anel.
- 5.2. Decoração: Sobre o ombro, fila de sigma com quatro traços enquadrados de grupos de linhas verticais regulares que tocam a zona inferior, coberta de verniz até o pé.

6. PROVENIÊNCIA

Necrópole de Suessula (localizada na atual cidade de Acerra)

7. CATEGORIA

Proto-coríntio de imitação colonial (PCA)

8. CRONOLOGIA

Fim do séc.XVIII a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

CVA Itália (Museo Nazionale di Napoli- Collezione Spinelli), pg. 12, prancha 7.

10. COMPARANDA

Copos semelhantes do proto-coríntio antigo podem ser encontrados em Joahnsen (1923), prancha IX, 4. Exemplar da Coleção Campana do CVA LouvreIIIC, prancha 35,5; CVA Altenburg 1, prancha 1.1; NSA 1968, 167, fig.61 número 26. Ela é morfologicamente igual a um copo do III grupo de Vallet-Villard, datada depois de 710 a.C conforme Vallet & Villard (1964), 37 e prancha 19.1).

30.

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Forma: Taça
- 1.2. Coleção: Coleção Spinelli; Museo Nazionale di Napoli; nº inventário 157097 (Sp.1383)

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 11,7cm.

2.2. Borda (diâm.): 13,5cm.

2.3. Base (diâm.): 5,8cm.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Rachadura no recipiente sob uma asa; verniz em muitos pontos desencontrada

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Argila amarela; verniz do vermelho ao escuro

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Lábio vertical indistinto; ombro arredondado; recipiente profundo com parede tesa; pequeno pé em disco; asas em bastãozinho colocadas horizontalmente sobre o ombro.

5.2. Decoração: Em torno ao lábio e sobre o ombro, linhas horizontais sutis e próximas. A partir de baixo da asa, recipiente completamente envernizado. Sobre as asas, linhas horizontais. A parte interna está completamente envernizada, exceto uma linha sutil ao longo do lábio.

6. PROVENIÊNCIA

Necrópole de Suessula (localizada na atual cidade de Acerra)

7. CATEGORIA

Proto-coríntio de imitação colonial

8. CRONOLOGIA

725-700 a.C. (PCA)

9. BIBLIOGRAFIA

CVA Itália (Museo Nazionale di Napoli; Collezione Spinelli), p.11, prancha 7:1.

10. COMPARANDA

Segundo CVA Itália (Museo Nazionale di Napoli; Collezione Spinelli), p.11, prancha 7 é uma imitação colonial do tipo Tapsos sem pannello comum durante o proto-coríntio antigo e encontrado muito em contextos no último quarto do século VIII a.C. desde a Etrúria até a Sicília ver Coldstream (1968), 102 sgg.; *MEFRA* (1981) ver Neeft, C.W.; Dehl, D. em *Arch. Class.* 35, 1983, 186 sg.; Bosana Kourou, N. em *ASAtene* LXI, 1983, 257 sg. Esta cerâmica é muito encontrada na Campânia: para Pitecusa ver Buchner, G. em *La céramique* (1982), 105; para Cuma, ver *MonAl* XXII, prancha XL, 1 e

5; para o vale do Sarno ver d'Agostino, 63 sg.; idem, em NSA 1968, 94, fig.13, com discussão; para a sua difusão na Etrúria conferir CVA Tarquinia 3, 42, comentário da prancha 32,3 de Canciani, F.; para a Sicília ver Pelagatti, P. em *La céramique* (1982), 164 sg.

31.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Taça

1.2. Coleção: Coleção Spinelli; Museo Nazionale di Napoli; n° inventário 157094 (Sp.861)

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 6,5cm.

2.2. Borda(diâm.): 6cm.

2.3. Base (diâm.): 3,7cm.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Íntegra, exceto pequenos lascamentos na borda

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Argila bege-cinza como engobo; verniz escuro

4.2.Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Lábio vertical indistinto; ombro leve; recipiente profundo com parede tesa; pé em disco; asa em bastãozinho, ligado sobre o ombro, com levíssima inclinação.

5.2. Decoração: Em torno do lábio e do ombro, sutis linhas horizontais; o resto do recipiente é envernizado. Sobre a alça, uma linha horizontal. A parte interna é envernizada, exceto uma sutil linha poupada embaixo da borda.

6. PROVENIÊNCIA

Necrópole de Suessula (localizada na atual cidade de Acerra)

7. CATEGORIA

Proto-coríntio de imitação colonial

8. CRONOLOGIA

725-700 a.C. (PCA)

9. BIBLIOGRAFIA

CVA Itália (Museo Nazionale di Napoli- Collezione Spinelli), Pg.11, prancha 7:2.

10. COMPARANDA

Para exemplar idêntico ver *CVA Italia* (Tarquinia) 3, prancha 32 número 4.

32.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Taça

1.2. Coleção: Coleção Spinelli; Museo Nazionale di Napoli; n° inventário 157101

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 5cm.

2.2. Borda (diâm.): 7cm.

2.3. Base (diâm.): 3,6cm.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Recomposta de quatro fragmentos; pequena lacuna na borda; verniz em parte desgastada

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Argila amarela; engobo verniz escuro

4.2.Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

- 5.1. Forma: Pequeno lábio vertical indistinto; ombro arredondado; recipiente com parede reta; pé em disco; asa em bastãozinho colocada horizontalmente sobre o ombro.
- 5.2. Decoração: Em torno do lábio e sobre o ombro, linhas horizontais; a parte inferior é envernizada; sobre as alças, linhas horizontais. A parte interna é envernizada, exceto uma linha poupada ao longo da borda.

6. PROVENIÊNCIA

Necrópole de Suessula (localizada na atual cidade de Acerra)

7. CATEGORIA

Proto-coríntio de imitação colonial

8. CRONOLOGIA

725- 700 a.C. (PCA)

9. BIBLIOGRAFIA

CVA Itália (Museo Nazionale di Napoli- Collezione Spinelli), p.11, prancha 7:3.

10. COMPARANDA

Para o enquadramento ver a CVA Italia (Museo Nazionale di Napoli- Collezione Spinelli), p.11, prancha 7:3, vaso do meu catálogo 3.1.2: nº 42). Segundo este mesmo volume, ele é idêntico a outro exemplar do Museu Britânico, para mais detalhes ver *IIAA*, 295, fig.1-2.

33.

1. IDENTIFICAÇÃO

- 1.1. Forma: Taça
- 1.2. Coleção: Coleção Spinelli; Museo Nazionale di Napoli; nº inventário 157107 (Sp.1335)

2. DIMENSÕES

- 2.1. Altura (máx.): 5,2cm.
- 2.2. Borda (diâm.): 6,6cm.

2.3. Base (diâm.): 3,2cm.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom, exceto uma lacuna na borda; verniz quase completamente desgastada traços de incrustações no recipiente

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Argila bege-avermelhada; engobo bege; verniz avermelhado

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Pequeno lábio vertical; ombro arredondado; recipiente profundo com parede levemente convexa; pé em anel modelado. Asa em bastãozinho colocado horizontalmente sobre o ombro.

5.2. Decoração: Em torno do lábio e sobre o ombro, linhas sutis horizontais; uma linha sobre as asas; a partir de baixo das asas, recipiente envernizado. A parte interna é envernizada, com duas linhas horizontais, traçadas irregularmente, sobre o lábio poupado.

6. PROVENIÊNCIA

Necrópole de Suessula (localizada na atual cidade de Acerra)

7. CATEGORIA

Proto-coríntio de imitação colonial (PCA)

8. CRONOLOGIA

725- 700 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

CVA Italia (Museo Nazionale di Napoli - Collezione Spinelli), pg. 12, prancha 7:4

10. COMPARANDA

Para enquadramento ver CVA Italia (Museo Nazionale di Napoli - Collezione Spinelli), pg. 12, prancha 7:1 (vaso número 3.1.3: nº 44)

34.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Taça

1.2. Coleção: Coleção Spinelli; Museo Nazionale di Napoli; n° inventário 157095 (Sp.44)

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 5,7cm.

2.2. Borda (diâm.): 7,8cm.

2.3. Base (diâm.): 4cm.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom, exceto um lascamento sobre uma asa; verniz em alguns pontos desgastada

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Argila bege-acizentada; ingubibiatura amarelo claro; verniz escuro

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Pequeno lábio vertical, indistinto; ombro arredondado; recipiente com perfil levemente convexo; pé em disco. Alça em bastãozinho colocado sobre o ombro, com leve inclinação.

5.2. Decoração: Em torno ao lábio e sobre o ombro, linhas sutis traçadas irregularmente. A partir da parte de baixo da alça, recipiente envernizado; sobre a asa, uma linha horizontal. A parte interna é envernizada, exceto uma linha poupada sobre a borda.

6. PROVENIÊNCIA

Necrópole de Suessula (localizada na atual cidade de Acerra)

7. CATEGORIA

Proto-coríntio de imitação colonial (PCA)

8. CRONOLOGIA

725-700 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

CVA Italia (Museo Nazionale di Napoli- Collezione Spinelli), p.12, prancha 7.

10. COMPARANDA

Para enquadramento ver CVA Italia (Museo Nazionale di Napoli - Collezione Spinelli), pg. 12, prancha 7:1 (vaso número 3.1.3: nº 43).

4.2.2 Proto-Coríntio Médio

35.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Enócoa trilobada

1.2. Coleção: Coleção Spinelli; Museo Nazionale di Napoli; nº inv. 157086

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 23,4cm.

2.2. Base (diâm.): 6cm.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Íntegro. Verniz em parte desgastado; forte incrustação calcárea difusa sobre toda a superfície

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Argila amarelo-avermelhada; verniz escuro; engobo creme

4.2. Técnica de fabricação: Feito no Torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Ampla boca trilobada; colo cilíndrico; ombro convexo; ventre ovóide alongado; pé em anel; asa em fita colocada sobre o ombro e borda.

5.2. Decoração: Boca envernizada; sobre o colo, compreendido entre dois grupos de linhas horizontais, alternância entre grupos de linhas verticais e

de sigma. Sobre o ombro, grupos de sigma que interrompem uma série de fitas horizontais. Sobre o ventre três faixas horizontais. Pé envernizado. Sobre a asa, grupo de traços horizontais.

6. PROVENIÊNCIA

Necrópole de Suessula (próximo da atual cidade de Acerra)

7. CATEGORIA

Proto-coríntio médio de imitação colonial

8. CRONOLOGIA

Primeira metade do séc. VII a.C. (PCM)

9. BIBLIOGRAFIA

CVA Italia (Museu Nazionale di Napoli- Collezione Spinelli), pg.11, prancha 6:4-5.

10. COMPARANDA

Para exemplar idêntico do Museo de Essen ver Froning (1982) 74, número 21. Para o perfil ver *CVA* (Tarquinia) 3, prancha 9:1,2 que é datada para a metade do séc.VII a.C. e próxima da enócoa de Potecagnano ver d'Agostino em *NSA* 1968, 98 número 18); ver também *NSA* 1911, 215, fig. 4,3 e Cristofani (1969), 28, prancha 11,2 (tomba C).

Para a decoração consultar *CVA* (Tarquinia) 3, prancha 2 número 2 (cumana); ver também *CVA* (Torino) 2, prancha 1, 5 (com raios no ombro); *CVA* (Varsovie) 3 prancha 2,6, com parte inferior envernizada Lezzi Hafter, *AW*, Sondernummer 58, 1980, 17 fig. 32; *CVA* (Univ. of California) 1, prancha III, a-b (Itália). Para a decoração sobre o colo consultar *CVA* (Conpenhague) 2, prancha 93,1.

36.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Enócoa trilobada

1.2. Coleção: Coleção Spinelli; Museo Nazionale di Napoli; nº inv. 157085 (Sp. 1711)

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 26,5cm.

2.2. Base (diâm.): 7,5cm.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Pé lacunoso

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Argila amarelo-avermelhada; verniz do vermelho laranja ao vermelho escuro

4.2. Técnica de fabricação: Feito no torno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Boca trilobada; colo cilíndrico quase indistinto; amplo ombro arredondado; ventre ovóide; pé em disco; asa em fita angulada, colocada sob a borda e sobre o ombro.

5.2. Decoração: Boca envernizada; sobre o colo, compreendida entre duas séries de linhas horizontais, diaboloi alternados em grupos de linhas verticais e de sigma; sobre o ombro, até sob a asa, fitas linhas horizontais. Sobre o ventre, três espessas faixas, a última das quais cobre também o pé. Sobre a asa, três grupos de linhas horizontais.

6. PROVENIÊNCIA

Necrópole de Suessula

7. CATEGORIA

Cerâmica proto-coríntia de imitação colonial

8. CRONOLOGIA

700-675 a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

CVA Italia (Museu Nazionale di Napoli - Collezione Spinelli), pg. 10, prancha 6:1-3.

10. COMPARANDA

Segundo *CVA Italia* (Museu Nazionale di Napoli- Collezione Spinelli), pg.10, prancha 6 tem sua origem conectada com o proto-coríntio médio; para forma e decoração ver *CVA* (Torino) 2, prancha 1;5; enócoa proto-coríntio média do Museu Britânico ver IAA, 297, fig.16, proveniente da Itália; para a decoração do colo(freqüente na decora cumana e ítalo geométrica) ver *CVA* (Tarquinia) 2, prancha 1;5 e 7, de 700 a.C.

Segundo *CVA Italia* (Museu Nazionale di Napoli- Collezione Spinelli), pg.11, também podemos encontrar a decoração da parte inferior em uma enócoa de Ítaca (*BSA* XLVIII 1953, prancha 55, 925). Há um motivo semelhante em uma enócoa da Tarquínia (*CVA Tarquinia* 3, pranchas. 18-19), com ligação grego-oriental, identificada pela sua forma, e que pode ser datada de entre 700 a.C. e o início do séc. VII a.C.

37.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Forma: Tacinha

1.2. Coleção: Coleção Spinelli; Museo Nazionale di Napoli; n° inventário 157164 (Sp. 1334)

2. DIMENSÕES

2.1. Altura (máx.): 5,5cm.

2.2. Borda (diâm.): 9cm.

2.3. Base (diâm.) : 3,5cm.

3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Matéria prima: Argila bege claro; verniz escuro-rosado

4.2. Técnica de fabricação: Feito no forno

5. DESCRIÇÃO

5.1. Forma: Lábio indistinto um pouquinho retraído; ombro curto quase vertical; recipiente com parede levemente convexa; pequeno pé modelado; alças em bastãozino colocadas horizontalmente sob a borda.

5.2. Decoração: O recipiente é completamente envernizado na parte interna e externa, exceto uma faixa poupada entre as asas sobre os flancos.

6. PROVENIÊNCIA

Necrópole de Suessula (localizada na atual cidade de Acerra)

7. CATEGORIA

Proto-Coríntio de imitação colonial (PCM)

8. CRONOLOGIA

Ao redor da metade do séc. VII a.C.

9. BIBLIOGRAFIA

CVA Itália (Museo Nazionale di Napoli- Collezione Spinelli), pg. 12, prancha 7:7.

10. COMPARANDA

É encontrada na Etrúria e na Itália meridional. Ver Corinth VII, 1, prancha 36, número 278 e XV, 1, prancha 36, número 278; ver também Weinberg, H. em *Hesperia* XVII, 1948, 221 e prancha 80, D, 34, datado para o Coríntio antigo; para a Etrúria ver CVA Tarquínia 3, pranchas 33,8, datado para a metade do séc. VII a.C.

CONCLUSÃO

Quando a partir do séc. IX a.C. os gregos partiram novamente à procura no Oriente, de saídas para as suas mercadorias e colônias, um novo período de grandes transformações teve início em várias esferas da cultura grega. Síria, Pitecusas e Etrúria eram alguns dos locais para onde se dirigiam os gregos de origem.

Esta expansão grega, é bom ressaltar, tinha diferentes objetivos: na Sicília, por exemplo, os gregos foram fazer a vida na terra e com a prosperidade adquirida puderam comprar manufaturas; já na Síria eles eram comerciantes, expedindo as suas bem conhecidas ‘home luxuries’.

O período que se estende de 825 a 750 parece ter ainda o comércio marítimo nas mãos dos Fenícios. O transporte para o Oeste era efetuado por eles assim como pelos Sírios. Além disso eles tinham todo um sistema de exploração comercial do Mediterrâneo. Vale ressaltar que a obra mais antiga do Oriente vem da Fenícia, de uma tumba da necrópole do Cerâmico. O vaso lá achado data do último quartel do séc. IX a.C.

Apesar dessa contribuição a oportunidade e escolha fez com que os gregos tivessem inicialmente o seu interesse muito mais voltado para a arte síria do que para a egípcia e a fenícia.

Os artesãos imigrantes dessas regiões eram sobretudo ouriveres e joalheiros que conseguiram mais destaque na Grécia Central e em Creta. As suas técnicas e importações de objetos em metal, em marfim e têxteis introduziram no repertório artístico grego novas decorações figuradas e vegetais. Ao mesmo tempo, novos tipos de objetos eram importados e copiados quando os gregos julgavam útil. Um bom exemplo disso são os caldeirões com fundo arredondado colocados sobre suportes cônicos ou em hastes.

No entanto, os motivos e figuras orientalizantes eram quase sempre interpretadas pelo oleiro ou pintor grego através de uma técnica diferente. A Grécia sustentava naquela época a prática do desenho em contorno devido às figuras humanas e animais, incisas ou executadas em baixo relevo sobre os objetos em metal ou em marfim do Oriente Próximo. Por sua vez este desenho ao traço foi completado por desenhos lineares pintados; o que ajudou muito na busca pelo destaque da fisionomia e dos músculos.

As figuras sobre vasos passaram a receber o mesmo processo de incisão. Tinha início a técnica de figura negra que respondia àquela incisão original praticada em outros suportes artísticos. Vemos assim o surgimento de figuras mais plenas e naturais que aquelas do geométrico, mesmo que não afetadas ainda por uma observação mais atenta das formas vivas.

De início os gregos foram influenciados pela religião e pelos mitos do Leste que eram transmitidos por marinheiros e comerciantes. Porém os gregos foram adaptando e helenizando ambos identificando, por exemplo, os monstros presentes nos frisos animais com criaturas presentes no seu próprio repertório imagético. O vaso assumia um papel de difusor cultural.

As decorações florais, correntes de flores, brotos de lótus e palmetas apareciam como belos fundos de preenchimento.

Não apenas a decoração mas também a maioria das formas orientais também foram sendo progressivamente reinterpretadas. O ceramista quase nunca copiava diretamente um recipiente oriental ou sua decoração, e mesmo as formas novas quando adotadas eram assimiladas e rapidamente adaptadas.

Vale destacar também que uma grande diversidade regional era freqüente, haja visto às diferentes reações do mundo grego diante do exemplo oriental. Raras foram as cerâmicas gregas que respondiam diretamente à arte orientalizante: principalmente em Corinto, Grécia do Leste, Creta e Atenas. Tanto o gosto dos oleiros e pintores mais influentes assim como a busca do lucro

podiam ajudar no processo de decisão sobre qual forma ou desenho a ser utilizado (BOARDMAN, 1998, p.84).

Em um período em que as fontes escritas eram poucas e escassas as dificuldades para a compreensão da sua história e arte são enormes. Por isso, ao longo da pesquisa, a elaboração do corpus documental objetivou construir um sistema interpretativo que permitisse acompanhar o sistema narrativo presentes nos vasos de estilo proto-coríntio. Só assim foi possível nos aproximar um pouco mais daquela cultura grega arcaica.

“Todo tempo é tempo de mudança- mas alguns são mais do que outros” (COSTA, 1998, p.23), bem definiu Emília Viotti. O período arcaico na Grécia viu grandes transformações serem trazidas à luz: a centralização do poder; a dominação de famílias ou soberanos (os tiranos), tributários da lealdade dos cidadãos; assim como viu surgir, ou melhor, desenvolver o sentimento de pertencimento a uma cultura e que vinha acompanhada pelas rivalidades e disputas que tais ‘sentimentos’ poderiam provocar. Sentimentos mais tarde acentuados na polis grega onde dentro de um espaço territorial a ação e a tensão política teriam um grande papel (CHEVITARESE, p.63-65).

Essas transformações somadas ao aprendizado dos ceramistas colaboraram para que novas possibilidades narrativas de *‘mise en scène’* passassem a dar aos vasos gregos um papel mais explícito na interpretação da mensagem relativa ao seu estatuto ou função.

BIBLIOGRAFIA

Fontes literárias antigas

1. Dioscorides Pedanios, *Materia Medica*. M. Wellman. 1906-1914 [vol. 1, 1907]. *Pedanii Dioscorides Anazarbei de materia medica libri quinque*. 3 vols. Weidmann, Berlin; Berlin: Weidmann, 1958.
2. Homero, *Ilíada de Homero*. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2002.
- 1) _____. *Odisséia*. Tradução em versos de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, s.d.
3. Pausânias. *Description of Greece* (com tradução inglesa de W.H.S. Jones, Litt.D.). Livro I e II. Londres: William Heineman LTD; Cambridge, Massachusetts: Harvard University, 1959.
4. Platão, *Ouvres complètes*. Tome I: Introduction- Hippias Mineur- Alcibiade - Apologie de Socrate- Euthyphron- Criton. Texto estabelecido e traduzido por Maurice Croiset. Paris: Société d'édition "Les Belles Lettres", 1985.
5. Plínio, o Velho, *Histoire Naturelle*. Livro I: texto estabelecido, traduzido e comentado por Jean Beau e introdução de Alfred Ernoi. Paris: Société d'edition "Les Belles Lettres", 1950.
6. Plínio, o Velho, *Histoire Naturelle*. Livro XIII: texto estabelecido, traduzido e comentado por A. Ernout. Paris: Société d'edition "Les Belles Lettres", Paris, 1956.
7. Plínio, *Natural history*. Volume IV, Livros XII-XVI. Tradução inglesa de M. A. H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, s.d.
8. Teofrasto, *Historia Plantarum; De Odoribus*, ed. E traduzido por A. Hort. 2 vols. Cambridge: Harvard University Press; Londres: Heineman, 1948.

9. Tucídides, *History of the Peloponnesian War* (books V and VI). Loeb Classical Library. With an English translations by Charles Forster Smith. Londres: Harvard University Press, 1988 (primeira publicação em 1921).
10. Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* (Livro I). Tradução e apresentação Ana Lia de Almeida Prado. Texto grego estabelecido por Jacqueline de Romilly. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

A. Referências bibliográficas

ABREVIATURAS DE PERIÓDICOS

AArch: Acta Archaeologica. Kobenhavn, Munksgaard.

BCH: Bulletin de Correspondence Hellénique. Paris, de Boccard.

PHOINIX: Laboratório de Historia Antiga (UFRJ)

HESPERIA: The Journal of the American School of Classical Studies at Athens

JHS: Journal of Hellenic Studies. Londres, Soc. For the promotion of Hellenic Studies

MEFRA: Mélanges d'Archéologie et d'Histoire de l'École Française de Rome, Antiquité. Paris, de Boccard.

RPH: Revista de Pré-História, Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo.

AKURGAL, E. *Orient et Occident. La naissance de l'art grec*. Paris: Albin Michel, 1969.

AMYX, A.H. *Corinthian vase-painting of the archaic period*. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1988. v. 2.

BAMMER, A. *Das Heligtum der Artemis von Ephesos*. Oxford: [s.n.], 1984.

BEAUMONT, R. L. Greek influence in the Adriatic Sea Before the Fourth Century B.C. *JHS*, Vol. 56, p.159-204.

BÉRARD, J. *L' expansion et la colonization Grecque jusqu'aux Guerres Médiques*. Paris: Aubier, 1960.

BICKERMAN, E. J. *Chronology of the Ancient World*. London: Thames and Hudson, 1968.

BIERS, W.R. *Art, artefacts and chronology in classical archaeology*. London: Routledge, 1992.

BIERS, W.R.; GERHARDT, K.O.; BRANIFF, R.A. *Lost Scents: Investigations of Corinthian "Plastic" Vases by Gas Chromatography-Mass Spectrometry*. MASCA research Papers in Science and Archaeology. Philadelphia, Pennsylvania Vol 11, 1994.

BOARDMAN, J. *Athenian red figure vases: the archaic period*. London: Thames and Hudson, 1975.

BOARDMAN, J. *Los griegos en ultramar: comercio y expansión colonial antes de la era clásica*. Madrid: Alianza Editorial, 1975.

BOARDMAN, J. *Early Greek Vase Painting*. London: Thames and Hudson, 1998.

- BOURDIEU, P. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Geneva: [s.n.], 1972.
- BURKERT, W. Offerings in perspective: surrender, distribution, exchange. In: LINDERS, T.; NORDQUIST, G., (Eds.). *Gifts to the gods: proceedings of the Uppsala Symposium 1985*. Suécia: Uppsala, 1987. p. 43-49.
- CHEVITARESE, A.L. Fronteiras internas atenienses no período Clássic. (Re)definindo conceitos e propondo instrumentais de análise. *Phoînix*, v.10, p. 63-76, 2004.
- COOK, R.M. *Greek painted pottery*. London: Methuen, 1972.
- DAWKINS, R. *The Selfish Gene*. Oxford: [s.n.], 1976.
- DUCAT, J. *L'Archaisme à la recherche de points de repère chronologiques*. *BCH*, v. 86, p. 165-184, 1962.
- _____. Les vases plastiques rhodiens archaïques en terre cuite. Paris: [s.n.], 1966. (*Bibliothèque des Écoles françaises d'Athènes et de Rome* 209)
- DUCATI, P.. *Storia dell'arte etrusca*. Florence: [s.n.], 1927.
- DUNBABIN, T.J. *The Western Greeks*. Oxford: Clarendon Press, 1948.
- DURKHEIM, E. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: [s.n.], 1912.
- ETIENNE, R.; MÜLLER, Chr.; PROST, F. *Archéologie Historique de la Grèce antique*. Paris: Ellipses, 2000.
- FUNARI, P.P.A. *Arqueologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- GRAHAM, A. J. *Colony and mother city in ancient Greece*. New York: [s.n.], 1971.

HANNESTAD, L. *Absolute chronology: Greece and the Near East C.1000-500 BC*. *AArch*, v. 67, p. 39-49, 1996.

HOLLOWAY, R. *The archaeology of ancient Sicily*. Londres: Routledge, 1991.

HORKEIMER, M.; ADORNO, T.W. *Dialektik der Aufklärung*. Frankfurt: [s.n.], 1981.

HURWIT, JEFFREY M. Reading the Chigi Vase. *Hesperia* Vol 71 número I Janeiro-Março de 2002.

KARO, G. Vase der Sammlung Chigi, *AntDenk* II.4, p.7-8, pranchas 44-45, 1899-1901.

KRISTENSEN, R. Protocorinthian pottery in greek sanctuaries. In: SCHEFFER, C., (Ed.) *Ceramics in context: proceedings of the Internordic Colloquium on Ancient Pottery held at Stocholm, 13-15 June 1997*. Estocolmo: Distr. Almqvist; Wiksell International, 2001. p. 61-69.

MAPA de Corinto e o Istmo. Disponível em <http://gbgm-umc.org/umw/corinthians/maps.stm>. Acessado em novembro de 2005.

MAPA da Grecia durante o periodo arcaico. Disponível em <http://darkwing.uoregon.edu/~atlas/europe/static/map06.html>. Acessado em novembro de 2005.

MAUSS, M. *The gift*. New York: Routledge Classics, 2001.

_____. Ensaio sobre a dádiva. São Paulo: Edições 70, 1989.

MAXIMOVA, M. *Les vases plastiques dans l'antiquité (époque archaïque)*. Paris: Geuthner, 1927.

MOMIGLIANO, A. *Settimo contributo alla storia degli studi classici e del mondo antico*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1984.

MORKOT, R. *The Penguin Historical Atlas of Ancient Greece*. Londres: Penguin Books, 1996.

NEEFT, C.W. *Addenda and Corrigenda to D.A. Amyx, Corinthian Vase Painting in the Archaic Period*. Amsterdam: [s.n.], 1991.

_____. *Protocorinthian Subgeometric Aryballoi*. Amsterdam: Allard Pierson Museum, 1987.

ORSER JR., C. E. *Introdução à Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

PARKO, H. Small Corinthian oil-containers: evidence of the archaic perfume trade? In: SCHEFFER, C. (Ed.). *Ceramics in context: proceedings of the Internordic Colloquium on Ancient Pottery held at Stocholm, 13-15 June 1997*. Estocolmo: Distr. Almqvist; Wiksell International, 2001. p. 55- 60.

PAYNE, H. *Necrocorinthia. A study of corinthian art in the archaic period*. Oxford: Claredon Press, 1931.

POLLINI, A. & FUNARI, P.P. *Greek perceptions of frontier in Magna Graecia : literature and archaeology in dialogue*. (sem data e editora)

_____. *Protokorinthische Vasenmalerei* (Bilder griechischer, Heft 7). Berlin, 1933.

RASMUSSEN, T. Corinth and the orientalising phenomenon. In: RASMUSSEN, T.; SPIVEY, N. (Eds.). *Looking at greek vases*. Cambridge: University Press, 1991. cap. 3.

RENFREW, C.; BAHN, P. *Arqueología. Teoría, métodos y práctica*. Los Berrocales del Jarama: Ediciones Akal, 1993.

ROEBUCK, C. Some Aspects of Urbanization in Corinth. *Hesperia*, vol. 41, p. 96-127, 1927.

ROBERTSON, M. *Uma breve história da arte grega*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SALMON, J. B. *Wealthy Corinth*. Oxford: oxford University Press, 1984.

SARIAN, H. A cerâmica como documento arqueológico. *RPH*, v. VI, p. 195-204, 1984.

SHANKS, M. *Art and the Early Greek State: An Interpretative Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SIMON, E. *Die griechischen Vasen*. Munich: [s.n.], 1981.

SNODGRASS, A. M. *Archaic Greece: the age of experiment*. California: Iniversity of California Press, 1981.

VALLET, G.; VILLARD, F. Céramique et histoire grecque. *RH* 221, 1961, p. 295-318.

VILLARD, F. *La chronologie de la céramique protocorinthienne*. *MEFRA*, v.60, p. 7-34, 1938.

WALTER-KARYDI, E. Die Themen der ostionischen Figülichen SalbergefäBe. *Münchner Jarbuch der bildenden Kunst* 36, p. 7-16, 1985.

WEINBERG, S. S. What is protocorinthian geometric ware? *AJA*, v.45, p. 30-44, 1941.

WILL, E. *Korinthiaka: recherches sur l'histoire et la civilisation de Corinthe des origines aux Guerres Médiques*. Paris: [s.n.], 1955.